



Concurso
LEMBRANÇAS DA LEITURA
2020

Concurso
LEMBRANÇAS DA LEITURA
2020

“Quem escreve, tece. A palavra texto se origina do latim ‘textum’ que significa tecido. Com fios de palavras vamos dizendo, com fios de tempo vamos vivendo. Os textos são como nós: tecidos que andam”

Eduardo Galeano



ÍNDICE

Apresentação	7
Um olhar sobre o Círculos de Leitura	9
Círculos de Leitura:	
metodologia e ser multiplicador	19
Gustavo Cléber Silva dos Santos	
Ana Clara Moraes de Sousa	
Antonia Juscilene Oliveira Dias	
Gabriela Ferreira Fernandes	
Alynne Ferreira Sousa	
Sonhar	35
Pauliana Lima	
Alícia Araújo	
Chris Bianca Melo da Silva	
Sarah Cristina Lucas de Moraes	
Antônio Gabriel Nobre de Arruda	
Emilly Menezes Leite	
Mariane Souza de Brito	
O Pequeno Príncipe: introdução ao amor	49
Bianca Galante Farias de Souza	
Letícia Pereira de Assunção	
Micaella Ribeiro Teotônio Dos Santos	
Jamyle de Almeida Aguiar	
Amor	59
Julia Viana Sobrinho Rocha	
Antonio Vanutti Galvão da Silva	
Rayan Fernandes da Silva	
Francisca Vanessa de Sá Souza	

A Comédia Humana: empatia	71
Moisés Valério Caetano	
Milena Barbosa dos Santos	
Ciely da Silva Santos Lima	
A importância das ajudas	79
Isabella de Cássia Romeo	
Vitória Silva de Andrade	
Superação	85
Andrya Braga Nunes	
Laine da Silva Carvalho	
Priscila da Silva Araújo	
Sabrina Estevão Ferreira Da Silva	
Marcos André Barbosa de Oliveira	
Raiane Ferreira Lima	
Wérgila Laiza da Silva Macêdo	
Suelir da Silva Lima	
Determinação em Fernão Capelo Gaivota	103
Manoel Vieira do Nascimento Junior	
Fábio José Martins Monteiro	
Maria Julia Miranda	
Darlen Santos do Nascimento	
Maria Luiza Pessoa	
Geovanna da Silva Holanda	
Vocação para a arte	121
Darla Monique	
Laura da Silva Pereira	
Criatividade	127
Ingrid Cosmo Lopes	
Pedro Emanuel Beserra Martins	
Maria Eduarda Rodrigues Marques	
Lana Catarina Alves da Cruz	

O Conto da Ilha Desconhecida	
e a busca pelo autoconhecimento.....	139
Odete Vitória Sabino Ferreira	
Rita de Cássia	
Anne Carolline Lima Sousa	
Daniel dos Santos Silva	
O livro como herança.....	149
Thiago da Silva de Sousa	
Raiane Costa Pereira	
Maria Aparecida Freire Batista	
João Pedro Tic	
Esterfany do Nascimento Albino	
Patrício da Costa Fonseca	
Cauê Bull Gonçalves de Sousa	
André de Carvalho Costa Silva	
Escolas participantes.....	171
Lista de obras que inspiraram os textos dos jovens.....	175
Agradecimentos.....	177

APRESENTAÇÃO



Queridos professores , colaboradores e entusiastas,

Quem lê as cartas dos jovens se emociona. Em cada carta se faz presente a felicidade e a alegria de ver como o conhecimento se amplia quando é compartilhado. O orgulho e privilégio de terem sido multiplicadores do Programa Círculos de Leitura, são os temas mais recorrentes.

Essas cartas são testemunhos que dão luz a possibilidade de o Brasil e os jovens brasileiros serem o celeiro do mundo, com a sua originalidade, força e coragem. Junto com as escolas, o Círculos de Leitura é um meio para que essa possibilidade se torne real.

Somos muito gratos pela parceria e queremos continuar esse diálogo sobre os livros, as cartas dos jovens e os temas que surgem nos nossos encontros.

Equipe do Programa Círculos de Leitura

Entre em contato conosco, estamos preparados para novas parcerias!

circuitosdeleitura@braudel.org.br

UM OLHAR SOBRE O CÍRCULOS DE LEITURA

O escritor Neil Gaiman registrou em 2013, em um artigo para o jornal britânico *The Guardian*, uma inquietante informação: para prever o crescimento do mercado de prisões e quantas celas a mais seriam necessárias dentro de quinze anos, empresas que lucravam com a construção e administração de penitenciárias privadas nos Estados Unidos usaram um algoritmo baseado na porcentagem de crianças entre dez e onze anos que ainda não eram capazes de ler e, por consequência, viviam privadas de um contato direto com a literatura e as capacidades a que conduz o aprender a ler e escrever, algo que a literatura, mesmo que utilizada apenas como ferramenta do processo de letramento, ajuda a desenvolver.

Ainda no mesmo artigo, o escritor britânico também relatou que, ao participar de um congresso na China sobre literatura de fantasia e ficção científica em 2007 – o primeiro a ser autorizado pelo partido comunista no país –, perguntando-se sobre o motivo para a mudança de postura do governo, que até então não permitia encontros dessa natureza, externou sua curiosidade a um alto oficial do partido comunista presente no evento. A resposta teve um tom de confissão: os chineses eram brilhantes para produzir coisas se outras pessoas levassem-lhes os projetos já prontos, mas eles não inovavam e não inventavam; eles não imaginavam.

Foi necessário, por esse motivo, que enviassem uma delegação aos Estados Unidos, a empresas como Apple, Microsoft e Google, e perguntassem quem eram as pessoas que estavam inventando o futuro. Com isso acabaram por descobrir algo em comum aos funcionários encarregados de inovações: todos haviam

lido ficção científica quando jovens. Dessa forma os chineses passaram a crer que a literatura de fantasia ajudaria a estimular a criatividade de sua população e, em algumas décadas, certamente amparados por outras medidas governamentais de controle e incentivo ao mercado literário, aumentariam a competitividade do país em relação às inovações produzidas no ocidente.

Tomando como base essas informações, podemos nos perguntar: Como é possível que a literatura não seja tratada na nossa sociedade como uma fonte vital de crescimento pessoal e coletivo? Felizmente, como disse o eterno Guimarães Rosa em seu conto *O Espelho*, “quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo”.

Se nos fixarmos apenas na nossa realidade de conexões cada vez mais rápidas, de automatismos facilitadores que capturam todas as nossas atenções por meio de aparelhos multifuncionais que, no limite, podem provocar um atrofiamento da nossa sensibilidade estética quanto a outras formas possíveis de percepção e relação com o mundo, a maioria de nós não perceberá um certo tipo de milagre acontecendo, pois esse milagre se dá de mansinho, como também acreditava o autor mineiro do Grande Sertão.

É assim, de mansinho, que cada vez mais adolescentes estão lendo literatura e transformando suas vidas em pequenos milagres, pequenos fogos capazes de brilhar com luz própria. Entretanto são fogos que não se acendem espontaneamente. Para que seja possível brilharem, é preciso haver um preparo delicado, sensível, capaz de despertar sensações esquecidas ou embotadas em meio a ordenações lineares das ideias e dos corpos comumente contidos por muros, horários, tarefas.

Para que não se apaguem e nem se queimem de uma vez, extinguindo-se, esses fogos que incendeiam as noites escuras e a vontade de ir além precisam ser insistentemente alimentados e cuidados. E é isso o que fazem, com um trabalho delicado e sensível, os Círculos de Leitura já há mais de vinte anos.

Essa sensibilidade não é retórica e nem tampouco mero componente de um método de ensino ou de leitura. Ela é a chave mestra que abre todas as portas. Ela é o que torna possível pensar por meio de sensações. É assim que o antigo dualismo cartesiano a compreender razão e emoção como polos distintos cai por terra e fertiliza novas ideias que preparam a vida para os sentidos que podemos dar a ela.

Pensar por sensações é próprio da arte. É por sensações que ela produz pensamento, algo que não acontece enquanto interpretamos textos “apenas” racionalmente. Essa forma interpretativa de lidar com a literatura pressuporia pontos de partida e de chegada, reduzindo o percurso do leitor a apenas uma possibilidade. Não falamos, portanto, de interpretação, mas de busca por sentidos.

Para compreendermos melhor a diferença entre essa busca e a interpretação, podemos relembrar a distinção que, a partir dos estudos literários, se convencionou estabelecer entre poética e hermenêutica. Enquanto a primeira indaga como os sentidos são obtidos ou o porquê da ambiguidade de um texto, a hermenêutica quer interpretar os textos, saber o que eles exatamente significam a fim de usá-los como respostas prontas, como se fossem textos religiosos ou de leis a serem seguidas.

Os Círculos de Leitura estão muito mais próximos da poética, que abre portas à percepção, do que da hermenêutica, que visa a

respostas. Não há nos Círculos uma busca por respostas prontas, não há apenas a busca por interpretar o que autores e seus textos querem dizer, mas uma busca por dotá-los de sentidos, no plural, porque também não há um sentido único a seguir.

A partir do momento que não existe uma única forma de organizar as pistas deixadas pelos autores, os pontos de vista de alguns leitores são impregnados, durante a leitura conjunta, pelos pontos de vista de outros leitores. A construção do nosso edifício existencial, a partir da prática coletiva em que o ouvir é tão importante quanto o falar, também passa a ser conjunta e funda-se na alteridade.

Esse ato de fala só é significativo, neste caso, pois há alguém com quem compartilhar as experiências e torná-las expressivas. Se algo for produzido, se algum conhecimento for alcançado, não será segundo uma reprodução ou interpretação, não será fazendo como alguém determinou que fosse feito, mas com alguém, ou seja, em conjunto.

Temos, assim, um importante tripé sobre o qual assentam-se algumas das premissas dos Círculos de Leitura: ler em conjunto, ouvir outras sensações que complementarão as nossas e darão novos sentidos às leituras, e compartilhar por meio da fala as nossas próprias sensações.

Ler em conjunto, a primeira parte desse tríptico, certamente não é o mesmo que ler sozinho. Pressupomos, desde o início, uma companhia; sabemos de antemão que não estamos sós; faremos parte daqueles que viveram a experiência provocada por esta ou aquela leitura: compartilharemos a emoção de encontrar personagens que podem parecer falar diretamente conosco ou, pelo contrário,

dividiremos o desgosto provocado por algum antagonista cujas atitudes desarrazoadas frequentemente culminam em alguma tragédia.

Ao ler os textos reunidos nesta coletânea, poderemos perceber a satisfação de fazer parte desse “espírito de coletividade onde todos leem e buscam aprender juntos”, como a certa altura revela um dos autores selecionados para compô-la. Essa satisfação pode ser creditada ao conjunto que, como sinos badalando ao mesmo tempo para que uma cidade inteira os ouça, intensifica as sensações e nos faz acordar de apatias, insensibilidades e automatismos a que nos condicionamos diariamente sem nem mesmo perceber.

Ouvir algo que nos desperte é comum nos Círculos, desde que estejamos atentos durante essa segunda parte do tripé que sustenta as reuniões em grupo. Entretanto este é um estado de atenção a que os participantes se entregam com devoção, pois o que se ouve não são demandas de algo a cumprir, não são imposições, não são palavras que carregam consigo certezas às quais temos que nos aferir e obedecer. Há nelas um prazer insuspeitado de algo que ainda não está pronto, mas formando-se; algo do qual podemos participar com nossas próprias palavras a fim de construir em conjunto.

Esse conjunto do qual fazemos parte nos faz ir muito além do que iríamos sozinhos. Em vez de patinarmos sobre a fina superfície de textos congelados por anos de interpretações idênticas, como as que condenaram Capitu e deram razão a Bentinho, o Dom Casmurro, acabamos mergulhando e percebendo, segundo uma relação de intensidade, a profundidade das águas sobre as quais apenas deslizaríamos inocentemente se estivéssemos desacompanhados.

Nos Círculos não é possível estarmos sozinhos. Sempre temos com quem compartilhar nossas sensações por meio da

fala. Essa terceira sustentação a formar o tripé, no entanto, não se confunde com um diálogo que pressupõe, muitas vezes, a tentativa de uma concordância a partir de visões diferentes sobre um tema. Mais do que um diálogo, o que os Círculos promovem são um tipo de fala plural. Não se trata de convencer alguém sobre o seu ponto de vista, não se trata de argumentar em defesa de uma opinião para reafirmá-la sobre as opiniões dos demais participantes; não se trata de dividir, mas de somar.

Uma afirmação pode ser retomada e ampliada pelas sensações de outros participantes que, por sua vez, a transformarão em algo até então impensado, evidenciando o comprometimento do grupo com a produção de novas sensações e ideias, ou seja, o pensamento por meio da arte. Entra-se, então, em uma “espiral entre aprender e compartilhar”, como também registrou um participante desta coletânea.

Há nisso uma riqueza tremenda porque não se joga um jogo contra alguém, joga-se uma ideia, uma sensação para alguém que irá transformá-la em algo cada vez maior e mais complexo do que fomos capazes de imaginar, elevando ao infinito o jogo do pensamento.

A propósito, esse compartilhar não se dá apenas presencialmente. Em 2020 os encontros foram possíveis de serem desenvolvidos também por meios eletrônicos que encurtaram milhares de quilômetros de distância. Além disso, desde há muito esse compartilhamento é levado adiante pela prática da escrita de cartas que participantes dos Círculos em uma escola, por exemplo, do Ceará podem enviar com suas impressões a estudantes de São Paulo que leem a mesma história, ampliando ainda mais as possibilidades

de partilhar impressões e ideias a respeito dos textos.

Esse tripé ler-ouvir-compartilhar cria uma experiência única, algo que acontece apenas naquele momento de reunião, com aquelas pessoas envolvidas nas sensações e nas falas de uma e de outras e que não se repete, seja porque os grupos alteram-se ou porque estamos, o tempo todo, sujeitos à influência de tudo o que nos cerca: nossos problemas pessoais ou sociais, nossas conquistas e esperanças, nosso humor. Ou seja, não podemos, como Heráclito explicou, entrar duas vezes no mesmo rio.

Essa forma de experimentar a literatura, embora aconteça em grupo e carregue consigo um sentido de comunidade, é também, por ser única, uma experiência de liberdade, pois não teremos que repetir as mesmas ideias e, de resto, nem seríamos capazes de reproduzi-las exatamente, pois elas já foram transformadas. Dobradas e redobradas, ganharam novas formas: folhas que se tornaram origamis.

Um tal tipo de experiência não é algo que apenas nos acontece, mas algo que acontece em nós, e de uma forma profunda. É por isso que poderemos encontrar, em um dos textos aqui publicados, o relato de uma epifania que se deu durante a leitura de Fernão Capelo Gaivota, algo intenso e potente o suficiente para, conforme descreveu a autora, renovar suas forças e dar coragem para enfrentar seus medos e inseguranças.

Essa intensidade com que se dão algumas sensações é capaz de provocar alterações na maneira como nos vemos, como nos sentimos, como pensamos, no que cremos cegamente ou desacreditamos sem motivo, no que nos compreendemos capazes de realizar ou não. Passar por um processo dessa natureza, pensar outras maneiras de

pensar, nos possibilita criar soluções quando potências de extinção da vida emergem e nos fazem parar diante de obstáculos que se apresentam como se fossem muito maiores que nós.

Uma possibilidade como essa só existe porque levar o potencial da literatura a sério, acolhê-la como fonte eternamente renovada, um lugar “onde tudo é possível”, como diz a autora de um outro texto, altera precisamente as condições do que é possível ou impossível nas nossas próprias vidas que, em vez da necessidade de serem compreendidas conforme a interpretação de um modelo a seguir, passam a ser, elas mesmas, narrativas que devem ser autonomamente construídas.

Essa autonomia vai contra as repetições, contra os automatismos que nos causam sofrimento porque constroem-nos a repetir ações como se houvéramos sido, tal qual Sísifo, condenados ao eterno rolar de uma pedra gigantesca morro acima. Ela é, portanto, uma forma completamente diferente de lutar contra o caos com o qual nos deparamos a todo o tempo.

É por isso que os Círculos são compreendidos, segundo a definição de outra participante desta coletânea, como um momento de aprendizado para a vida. Ou seja, não é um lugar de treinamento, mas de produzir alianças com a vida, para a vida.

Parte do resultado dessas alianças pode ser encontrado nesta coletânea. Aqui será possível perceber, segundo as palavras daqueles que são o motivo dos Círculos de Leitura existirem, que há algo acontecendo, não à feição de gritos de alarde, mas como sussurros; não como ventania que destrói ou traz tempestades, mas como brisa que facilita a jornada e provoca uma sensação que, embora incompreensível a princípio, ou incompreensível a muitos, impõe-se

por intensidade e passa a exigir cada vez mais atenção porque nos faz pensar em nós e no mundo que nos cerca.

São eles, os autores desta coletânea, que nos lembrarão das obras lidas nos Círculos e revelarão o que os afetou, o que fez sentirem-se menos sós, mais fortes ou mais esperançosos. Falarão, por exemplo, de seus aprendizados e de como as leituras foram importantes para formá-los como pessoas, além das diferenças entre estudar um livro e aprender com ele sem o objetivo de obter notas; falarão sobre a “vida em bando”, em conjunto, sem que isso signifique ser sempre igual aos outros; falarão sobre a superação de angústias profundas e o papel da literatura para torná-las menos perigosas; sobre como é intenso o conhecimento que se forma por meio de sensações; sobre a busca de uma Ítaca que pode ser reconhecida ou criada à nossa feição, um lugar onde seja possível desenvolver nossas capacidades sem abrir mão dos afetos que nos unem.

Para eles e para nós, a viagem está apenas começando.

Danilo Gonçalves é participante curioso dos Círculos desde 2018. É escritor em horas de descuido e mestre em Educação pela Unifesp.

Tema 01:
Círculos de Leitura:
metodologia e ser multiplicador

1. Gustavo Cléber Silva dos Santos
EEEP Dom Walfrido

Um círculo igual a cem mil outros círculos?

Eu ouvi uma vez e acredito que tudo ocorre naturalmente, tudo acontece porque deveria acontecer. Falo isso porque não consigo lembrar o motivo que me fez participar da formação dos Círculos de Leitura nos meus primeiros anos do ensino médio, pois o nome era sugestivo e, aparentemente, era algo simples.

A princípio, a escola ainda era um ambiente desconhecido, o que adicionou mais magia ainda na experiência. Eu era o Pequeno Príncipe chegando em outro planeta. Em uma sala isolada, estávamos eu e outros alunos participantes junto ao multiplicador, o qual iria conduzir a leitura, com o apoio de um coordenador. Tudo ocorreu de forma natural, ninguém havia sido cativado ainda, éramos uns para os outros apenas pessoas ordinárias até então.

De início, era só uma roda, mas depois parecia que as cadeiras estavam de mãos dadas, nós estávamos de mãos dadas e também os livros em nossas mãos. Apresentações, expectativas, orientações e então foram recitadas as primeiras palavras, as quais deviam ser mágicas pois de súbito estávamos em outro lugar e eu poderia visualizar tudo que era lido. E todos se divertiam. Todos? Sim, pois, em um círculo, não há exclusão.

Fomos a vários planetas até voltarmos ao nosso. E eu fui apresentado a cada um pelo multiplicador que era como um guia de turismo. E eu sabia que eu deveria assumir essa função e iniciar meu próprio círculo. Foi rápido compreender isso, mas foi difícil aban-

donar minha raposa, soltar as mãos, pois, quando eu menos percebi, aquilo já havia me cativado.

Então, o círculo foi fragmentado em vários outros. E com uma nova roda eu pude sentir a conexão: eu estava conectado a vários círculos, por meio de pessoas ou pelos livros, como vários universos, como trilhões de células formando um organismo. Um sorriso e continuei a missão. Eu sabia que aquilo era mais do que um círculo e, por isso, eu nunca iria esquecer. O círculo ficou tatuado no meu coração.

2. Ana Clara Moraes de Sousa
EEM José Ferreira Barbosa

Círculo Encantado

Vim falar pra vocês
De uma boa experiência
Que eu tive prazer de viver
E aproveitar com toda inteligência.

O Círculos de Leitura
Nos deixa encantados
Pois cada história
Traz um aprendizado.

Ser uma multiplicadora
É uma grande responsabilidade
É ser sonhadora
E descobrir habilidades.

A cada texto lido
Você fica entusiasmado
Pois vê o aprendizado
Que dali pode ser retirado.

A maioria das obras
É voltada para delicadeza
Algumas falam mais de crianças
Outras já são voltadas para a realeza.

Todas têm o seu valor
E o seu ensinamento
A mensagem passada pelo autor
É de grande esclarecimento.

Os títulos marcantes
Mostram bem os personagens
Que são fortes
E cheios de coragem.

A cada livro lido
Podemos perceber
Que somos até parecidos
Com o personagem e seu jeito de ser.

Espalhados por esse mundão
Existe sempre
Um Ulisses, um Fernão
Que buscam ir mais à frente.

Tem sempre aquela pessoa
Que está a procurar
Pela sua ilha desconhecida
E com determinação ela irá encontrar.

Tem aquela menina
Curiosa e animada
Que nos lembra Teresinha
E nos deixa encantada.

E aquele menino
Pequeno e tão sonhador
Com pensamento bonito
Dono de um jeito encantador.

São tantos personagens
Cada um com sua personalidade
Todos passando suas mensagens
Nos apresentando a diversidade.

Esse foi o meu depoimento
Sobre esse incrível projeto
Que é feito com comprometimento
E nos faz ser tão completo.

3. Antonia Juscelene Oliveira Dias

EEM José Ferreira Barbosa

De algumas experiências que já tive na vida, ter a oportunidade e privilégio de ser multiplicadora do programa Círculos de Leitura, foi a que mais me acrescentou como ser humano.

Sempre amei ler e depois desse programa passei a praticar a leitura de outra maneira, comecei a ler e a trazer maior aprendizado para o meu cotidiano. Fazendo, assim, de cada livro a porta de entrada para o meu crescimento intelectual.

Um dos livros que mais me tocou e encantou foi Fernão Capelo Gaivota de Richard Bach, pois o mesmo me indagava constantemente sobre a severa realidade da vida. À medida que ia desenvolvendo a leitura, também percebia que me identificava com aquela gaivota que ousou quebrar padrões e tabus para ir em busca da construção do novo eu.

Fernão Capelo Gaivota é um jovem frustrado com o materialismo e a limitação da vida de uma gaivota. Ele é apaixonado pelos voos de todos os tipos, e a sua alma decola com suas experiências e emocionantes triunfos de ousadia e feitos aéreos.

O fato de não se conformar com a limitada vida, leva-o a entrar em conflito com o seu bando. Mesmo com todas as contradições dos seus, ele continua a busca incessante de atingir o que tanto almeja.

Embora seja tomado por uma determinação sem igual, o sentimento de rejeição também o domina. Todo o esforço feito por ele, era para o bem comum do bando, o seu propósito era aprimorar o voo para que pudesse mergulhar nas mais profundas águas e trazer

os melhores peixes para a refeição dos seus, já que se alimentavam com restos que os navios pesqueiros deixavam.

Esse livro me mostrou que buscar me aprimorar não seria benéfico somente a mim, mas para todos os que convivem ao meu redor, uma vez que influenciaria no meu posicionamento perante ao próximo, passando assim a ter um olhar mais humano e humilde.

Então, que sejamos como Fernão Capelo Gaivota, que todos os dias busquemos aprimorar o vô e decolar até o mais alto, profundo e longo de todos os caminhos.

4. Gabriela Ferreira Fernandes
Etec Tiquatira

Experiência de voo

Foi no auditório escuro e cheio,
Cheio de jovens, de sonhos.
De pesadelos.

Ali, olhei para o horizonte,
Pouco entendi. A luz era forte
Logo me cegou.

Mas curiosidade me moveu.
Então, me vi por três dias,
No aconchego de um círculo na biblioteca.

Em meio aos que antes viam só migalhas,
Alguém voava alto. Aline se chamava,
Nunca me esquecerei.

E ela nos conduziu pelos três dias.
Um dia. Um texto. Um encontro
Muitas histórias.

Arrumou nossa postura,
Estendeu nossas asas,
Observou o vento,
E encorajou-nos!

Levantei com aqueles,
O primeiro grande voo.
Achamos juntos os diferentes céus.
Céus esses, que estavam dentro de nós.

Ao aterrissarmos,
Ela orientou:
Que multipliquem!
O que aprenderam,
O que sentiram.

Ainda voávamos desengonçados,
Mas não poderia guardar o céu
Apenas em mim.
Então fomos,
Páginas viradas,
Ideias exaltadas,
Diversidade aflorada,
Corações adentro...
Durante o ano,
Tive a honra de ser chamada assim:
Multiplicadora.

Mesmo com o voo se aprimorando,
Há sempre algo novo
Dentro do outro,
Ou de nós mesmos
Nas entrelinhas
E no encontro.

E quando ocorre alguma falha nesse voo?
Paramos para o conserto,
No anafado deserto
Conhecemos príncipes,
Cobras e raposas,
Plantamos rosas
Desenhamos carneiros.
Logo, o erro vira brilho,
Como o da Estrela.
E voo volta!

Muito temi,
Ao pensar que aquilo acabaria....
Mas vi que é algo que não acaba!

E cá estou ainda com o voo dentro de mim.
As lembranças constroem-me diariamente.

Sempre digo:
“A vida é feita de momentos.”
Esses momentos fizeram parte da construção de minha vida.

“Nossa mente é sustentada por lembranças”

As lembranças da leitura ajudaram na sustentação de meu intelecto.

E o carinho e o aconchego dos encontros?

Eles ainda são presentes

No olhar crítico,

No repertório adquirido,

Nas cartas trocadas.

Presentes com a responsabilidade de quem cativou o prazer do conhecimento.

Agora, já que é poesia,

Falemos de amor!

Mas não esse amor simplório e estereotipado,

Longe disso...

O amor ampliado,

O que é uma escada para o conhecimento,

Aquele despertado nas trocas do diálogo,

Licença peço a Guimarães para usar seu neologismo que expressa o meu EU restabelecido: PENSAMOR

Ah! Esse amor...

Nos momentos de crise trouxe-me

Gratidão,

Nos bons momentos,

Realização!

As vozes cavernosas,

Afastou.

Richard Bach,
Dostoiévski,
Guimarães Rosa,
Homero,
Shakespeare,
Hanna Arendt,
Saint-Exupéry
Machado de Assis.
E muitos outros...
Verdadeiros fidalgos,
Com o abraço eternizado em suas palavras.

Hoje percebo,
A luz que antes me cegou
Ajudou-me a olhar ao alto,
Para dentro e para fora.
Poderia ser o acaso?
O destino ou a vocação?
O Senhor?!
Talvez tudo isso,
Talvez haja certa substância,
Uma vaquinha que nos guie,
Pelos desconhecidos caminhos que nos elucidam
pelas páginas lidas, relidas e debatidas.

5. Alynne Ferreira Sousa

EEEP Professora Luíza de Teodoro Vieira

Desde que os livros entraram na minha vida, sou tocada de formas diferentes. É incrível como podemos viver tantas vidas e ver tantos pontos de vista apenas por ler. Parece que não precisamos passar por todos os problemas da vida para aprender como lidar com eles. Cada personagem nos ensina coisas diferentes. Quando nos identificamos com algum, podemos sentir suas dores, alegrias e conquistas. Por mais de uma vez, terminei livros aos prantos, parada em uma estação de metrô qualquer. Tudo isso por conseguir ver cada história com um novo olhar. Olhar treinado pelos livros que os Círculos de Leitura me apresentaram.

Com o *Fernão Capelo Gaiivota* aprendi a não desistir dos meus objetivos, por mais estranhos que pareçam às pessoas ao meu redor. Ele foi capaz de treinar, mesmo com todo o julgamento que recebeu. Mesmo que todo seu povo tenha virado as costas para ele. E apesar de tudo, teve a humildade de voltar e se oferecer para ensinar.

Ao ler *O Caminho de Homero*, aprendi mais sobre a empatia. Se colocar no lugar do outro, principalmente nas condições em que os personagens se encontravam, não é nada fácil. Fazer piadas para aliviar a dor das pessoas que viviam uma guerra é um ato heroico. Homero queria fazer do mundo um lugar melhor. Acho que ele me ajudou um pouco nisso.

O Pequeno Príncipe era insistente. Mas não é insistente em um sentido ruim. Ele sempre tinha suas perguntas respondidas, não importava o quanto precisasse perguntar. É um exemplo de persistência, assim como Fernão. A raposa tem um papel importante no

que diz respeito a criar vínculos. Ela foi capaz de mostrar que, apesar de se deixar cativar por alguém, também é importante deixar a pessoa livre.

Kouros sempre foi o livro que mais gostei de ler em formações. A leitura dramática traz uma dinâmica diferente no dia a dia dos alunos. Eu diria até que facilita a conexão com a obra. Entre as frases de impacto, as três que mais me marcaram foram as seguintes: “Lutar, vencer, sem matar”. No contexto em que o Teseu tinha apenas duas opções - matar ou morrer - foi apresentado uma terceira opção: transformar. “Ser forte é saber controlar a própria força” me ensinou que não basta ter uma capacidade absurda. É preciso saber controlá-la. E por último, “os velhos têm tempo, os jovens não”. De início pode parecer que não faz tanto sentido, mas quando paramos para pensar, os jovens estão sempre correndo. Nunca têm tempo para nada. Os velhos entenderam que correr não é necessário. Tudo se resolverá no tempo certo.

Por fim, cada enredo foi capaz de moldar uma parte do que sou hoje. Sou muito grata por conhecer personagens que, sozinha, eu não teria conhecido. Cada formador e aluno que passaram por mim e dividiram suas vozes, suas ideias, seus tempos, foram e são importantes pela pessoa que me tornei.

Tema 02:
Sonhar

1. Pauliana Lima

EM Flávio Rodrigues

O chão adormecido no baú dos sonhos (sonhei e aprendi).

Sonhei logo no início que a confiança é uma das mais importantes virtudes, que através dela conseguimos construir nossos alicerces;

Sonhei que a solidão é como um vazio, que só pode ser preenchido quando recebemos ajuda;

Sonhei que as histórias contadas por nossos antepassados, são histórias que fazem parte do nosso ser, e através delas, tecemos nossas vidas;

Sonhei que nossas vidas podem ter vários obstáculos, mas mesmo assim a esperança pode brotar em nossos corações, como um mar de água salgada que consegue ter vida;

Sonhei que diante do imenso mundo somos como pequenas pedras e que como elas, temos nossa devida importância;

Sonhei que a compreensão é a melhor forma de curar dores interiores;

Sonhei que a ingratidão nos torna infelizes e retira toda nossa beleza interior e conseqüentemente a exterior;

Sonhei que necessitamos da ajuda do próximo, para conseguirmos construir melhor nosso chão;

E sonhando por meio do conto aprendi que esse sonho é na verdade a vida, na sua forma mais singular.

2. **Alicia Araújo**

EEEP Maria Cavalcante Costa

Era domingo, daqueles sem sol, um domingo calmo, sem grandes eventos, nem muitas vontades, onde só se quer passar o dia deitado. Mas, ao decidir desligar o celular, lembrei-me de que há tempos não lia nada por puro prazer, e resolvi concluir a leitura de um livro que há alguns meses havia largado na metade, *O Pequeno Príncipe*, uma história que gira em torno das aventuras, descobertas e aprendizados do Pequeno Príncipe, e que, até onde me recordo, me trouxe inúmeras reflexões. Desejei começar a lê-lo do começo novamente, e assim o fiz. Fui lendo sem pausas, nem sequer vi o tempo passar diante dos meus olhos, apenas quando cheguei à última palavra do livro, notei que já estava para anoitecer. Com o passar da noite, uma onda de pensamentos crescia acerca do que eu havia acabado de ler, tinha certeza de que precisava compartilhá-los com alguém, e então resolvi ligar pra Gabrielle, uma ótima amiga e ouvinte. Passamos quase a noite inteira citando as frases mais marcantes do livro e refletindo sobre cada uma delas.

Com a frase “O essencial é invisível aos olhos, só se pode ver com o coração” entendemos sobre a importância de admirar o simples, um abraço, nossos amores, as belezas da vida. O trecho “As pessoas são solitárias porque constroem muros ao invés de pontes”, fala sobre a dificuldade das pessoas de se conectarem umas com as outras, e todas as questões acerca das não demonstrações de afeto. “É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas”, nos faz pensar sobre a importância de momentos difíceis em nossas vidas e como eles, no fim das contas, nos ajudam a crescer

e a nos tornarmos mais fortes. Depois de horas de muita conversa no telefone, decidi que estava na minha hora de dormir, me despedi de minha amiga e desliguei. Deitei-me ainda com aquilo tudo na minha cabeça, a conversa, o livro, as reflexões, a vida, o Pequeno Príncipe, até que caí no sono gradativamente e, naquela noite, eu sonhei, sonhei que era eu quem estava naquele deserto, viajando por todos aqueles planetas, conhecendo, aprendendo, me aventurando. E desejei que todos os meus dias fossem assim.

3. Chris Bianca Melo da Silva EEEP RITA MATOS LUNA

Houve um tempo em que me sentia mais sem chão do que hoje... E realmente não sabia que ser sem chão era o “estar” daquela forma. Talvez eu não me sentisse como a personagem principal da obra *O Chão Adormecido no Baú dos Sonhos*, a Terezinha, me sentia mesmo era como o pai dela, sonhador demais, tão sonhador que esquece que precisa de algo sólido.

Tão sonhadora (eu) que esquece o que está fazendo e devaneia, inventa, se distrai. Talvez daí eu tenha recebido tantos apelidos característicos e tenha me advertido tanto para ser mais atenta, mais cuidadosa, menos destrambelhada e ter uma risada mais branda.

Terezinha se preocupa com a família, mais precisamente como o pai porque ele gosta de coisas perigosas, porque talvez não tenha passado da fase sonho com desempenho, e eu não o culpo, porque já estive onde ele está e porque quase todo mundo já esteve preso no sonho igualzinho ao Sonhador... E acordar não é simples, requer que te amparem, requer que você aceite aquela sua parte... Aceite que sonhar é você também. Mas principalmente que você proponha um equilíbrio.

Algumas pessoas começam a construir o chão mais cedo, e percebem que têm urgência de descobrir a que lugar pertence. A menina tinha fome de ser compreendida, talvez queira compreender o porque de ser tão jovem e ter tantos pesadelos e preocupações com o pai.

“- Às vezes na barriga da gente tem um buraco sem fim. - É isso, como você sabe Lucy? Tem a sensação

de ser reconhecida no sentimento da outra, sente esperança e chora de alívio. A fome passa, as cores voltam às faces, e a menina se percebe ávida não de comida, mas em ser vista, escutada, entendida. Para isto a viagem.”

Terezinha em toda sua jornada me lembrou como eu me sentia quando não era compreendida nem por mim, e que tinha fome de saber o que eu era, o que sou. Ser entendida através de um livro fez das palavras nele escritas o próprio banquete para a alma e foi por isso que me emocionou tanto.

Uma vez eu fui o Pai de Teresinha, outra fui a Lucy que sacia a fome com compreensão. E é assim que funciona, toda essa odisséia que trilhamos nos leva a conhecer o mundo que somos e suas possibilidades, não nascemos prontos e não é fácil, mas se não começarmos a percorrer esse caminho não é possível descobrir nada. Todos os dias temos que nos lembrar do que somos e ter orgulho... Quando descobrir que é tua risada e teu jeito de ser que te faz especial no planeta você vai amar e continuar aprendendo a viver em equilíbrio... No mundo do sonho e no mundo real, que somados, é o próprio CHÃO.

4. **Sarah Cristina Lucas de Moraes**
EE Professora Irene Branco da Silva

O outro lado da história do Mágico de Oz

Dorothy era uma garotinha muito rebelde, que morava com os seus tios em uma cidade bem pequena. Certo dia, ela resolveu deixar tudo para trás e viver simplesmente sem rumo. Andando por aí, a garotinha foi parar em uma cidade mal-assombrada, onde tudo era velho e meio desgastado, onde sempre era noite, onde havia trovões e tempestades, mais conhecida como a cidade de Oz.

Sozinha na escuridão, Dorothy encontrou um túnel e, no final desse túnel, parecia haver uma luz. Sem ter o que fazer, a garotinha foi em direção a esta luz, só que o que ela não esperava era que isso lhe traria consequências. Quanto mais ela andava, mais distante ficava o final.

Ela parou para descansar um pouco quando, atrás dela, apareceu um espantalho meio sujo e um homem de lata enferrujado dos pés à cabeça. O espantalho abaixou e disse em seu ouvido:

– Está com medo? Enfrente!

E logo em seguida, o homem de lata disse:

– Não tem problema, pode chorar!

Sem pensar no que poderia acontecer depois, ela, simplesmente, saiu correndo. Um pouco mais à frente, ela resolveu parar de novo e, atrás dela, apareceram duas pequenas fadinhas, e uma delas disse:

– Você tem que parar!

E a outra, logo em seguida, falou:

– Você consegue!

Com medo e desesperada, ela saiu correndo novamente. Chegando no final, ela se deparou com um mágico sozinho, olhando para o nada. Ela se aproximou e perguntou o que ele estava fazendo ali, só. E ele disse:

– Estava observando a sua jornada e percebi o quanto tem para aprender. O espantalho e o homem de lata representam o seu cérebro e o seu coração; as duas fadas, as decisões que você tem de tomar ao longo de sua vida. Você tem de entender que fugir quando você se sente perdida, nem sempre é a melhor opção e que errar e aprender com os seus erros faz parte. Agora, volte para a casa e enfrente os seus problemas.

Chorando muito, ela abraçou o mágico, quando, de repente, ouviu-se um som como o de alguém batendo na sua porta. Ela abriu os olhos e viu que tudo não passava de um sonho. Desde então, tudo foi diferente, pois Dorothy compreendeu que errar e aprender com os erros faz parte do processo.

5. Antônio Gabriel Nobre de Arruda

EEEP Maria Cavalcante Costa

Lembranças do chão adormecido

Minhas lembranças desse livro são incríveis, ele me fez literalmente viajar. Logo no início, não criei muita expectativa, porém, no decorrer da leitura fui despertando uma curiosidade muito grande pela história. Também gostaria de destacar, toda a ambientação que a autora criou no texto, você realmente consegue embarcar na história.

O livro conta a história de uma criança, que no decorrer de uma viagem vai descobrindo e absorvendo muitos aprendizados, e durante cada capítulo, vive uma aventura diferente, um ensinamento diferente. Os trechos que achei bastante interessantes foram: “A confiança é o fermento do chão que a gente carece construir” e “Às vezes na barriga da gente tem um buraco sem fim.”. Com esses trechos eu acabei fazendo analogias com os acontecimentos do nosso dia a dia e na nossa sociedade.

No primeiro trecho, por exemplo, é possível comparar com um trabalho, pois é necessário confiar no seu colega de trabalho para que a tarefa seja feita. Já no segundo trecho eu fiz referência com a depressão por exemplo, pois quem sofre ou já sofreu com isso, sente um vazio dentro de si, creio que muitos de nós também temos momentos assim, de um vazio, que muitas vezes se faz necessário na vida.

6. Emilly Menezes Leite **EEFM Lions Clube**

Busca diária pela compreensão da vida

Muitos de nós passamos a vida inteira ou metade dela nos questionando sobre para que nascemos ou o que estamos procurando. Na minha humilde opinião, acho que somos quase oito bilhões de pessoas tentando encontrar o nosso baú de chão e sonhos. É, eu acho que é exatamente isso que estamos constantemente em busca. Carecemos de chão para nos firmarmos e só atingimos a plenitude da felicidade quando o encontramos.

Quando começamos a procurar o chão que nos carece, a primeira pergunta que fazemos a nós mesmos, é: por onde se deve começar? E eu sinto muito lhe informar, mas não tem dia, hora, mês e ano exatos para começarmos, afinal somos bilhões de pessoas distintas em busca do mesmo objetivo.

A vida com todo seu toque especial nos dá orientações para onde devemos seguir, porém mais uma vez eu sinto lhe dizer que ela não coloca setas de sinalização gigantes e brilhantes, dizendo exatamente para onde devemos ir. No lugar das setas, ela nos oferece algo muito melhor, como: lugares e pessoas. Nos proporciona pessoas como Lucy, que nos compreende, pois possuímos uma grande fome de compreensão. Nos oferece muitas Dalilas, para aprendermos a firmar o nosso caminho em paciência. Nos presenteia com Sá Antônia, pois a vida sabe que temos que ter em quem confiar.

É meus caros, a nossa vida não é tão diferente da de Terezinha, na verdade, ela é bem parecida. Constantemente devemos conhecer

novas histórias e persistir na nossa. Nesta busca diária pelo nosso chão, iremos ter medo das novas experiências que irão surgir, podem ser elas: plantar uma flor, cozinhar, dançar nas brasas ou outras situações que nos causarão dúvidas no início, mas com persistência e coragem venceremos cada uma delas. Pois, todas as fases que percorremos são camadas de chão da nossa vida que estamos construindo.

Assim como Terezinha, quando vamos ao encontro de chão, nós crescemos, e isso é fato. Mas, eu não falo só de um crescimento que nos faz não caber mais em uma roupa. Falo em crescimento de sabedoria e discernimento. E todo esse crescimento nos faz observar tanta vida que existe ao nosso redor, nos faz compreender assim como Época, que por fora podemos ser belos, mas é o nosso interior que determina a nossa verdadeira beleza.

A vida é tudo isso e muito mais. Tenho a plena certeza que não citei nem um por cento das graças e dos desafios que ela nos traz, mas quero lhes dizer que no final o que realmente importa, é o que cada um carrega dentro do seu baú de chão e sonhos.

7. Mariane Souza de Brito

Etec de Carapicuíba

O Beijo, conto de 1887 escrito por Antón Tchékhev, tem início com a chegada de um grupo de soldados à aldeia de Miestietchko, local onde são convidados para um jantar na casa do Tenente-General Von Rabbek, como acontece a todos os militares de passagem pela região. Entre os visitantes encontra-se o Capitão Riabóvitch, o protagonista, uma figura muito tímida e retraída, como podemos observar a seguir:

(...) oficial pequeno, um tanto curvado, de óculos e de suíças que lembravam um lince. Enquanto uns dos seus colegas aparentavam seriedade e outros tinham um sorriso forçado, o seu rosto, as suíças de lince e os óculos pareciam dizer: ‘Sou o mais tímido, o mais modesto, o mais incolor dos oficiais de toda a brigada!’
(*O Beijo* - Antón Tchékhev, p. 04).

Por sua introversão e insegurança, Riabóvitch, permanece isolado, silencioso, apenas observando os companheiros de farda que conversam e dançam com as mulheres presentes na reunião. O protagonista não demonstra tristeza, apesar da consciência de que sua aparência e sua timidez não façam dele alguém popular como os colegas. Porém, sua suposta resignação com a própria realidade é abalada a partir de um fato surpreendente. Nesta mesma noite, Riabóvitch se perde na casa do anfitrião, e após entrar em um dos quartos, um ambiente totalmente escuro, é surpreendido da seguinte maneira:

(...) inesperadamente para ele, ouviram-se passos apressados e um frufu de vestido, uma ofegante voz feminina murmurou: “Até que enfim!” e dois braços macios, cheirosos, indiscutivelmente femininos, envolveram-lhe o pescoço; uma face tépida apertou-se contra a sua e, ao mesmo tempo, ressoou um beijo. Mas, imediatamente, aquela que o beijara soltou um pequeno grito e, foi a impressão de Riabóvitch, afastou-se dele com repugnância, num movimento brusco. Ele também por pouco não gritou, e correu para a fenda fortemente iluminada da porta [...]

(*O Beijo* - Antón Tchékhev, p. 07).

Apesar de saber que não é aquele por quem a mulher esperava, o protagonista dá total importância àquele fato que para qualquer um de seus jovens companheiros de brigada se tornasse motivo de piada. Para Riabóvitch, o engano adquiriu uma aura mítica, com o poder de dar a ele a felicidade que antes não fazia parte de sua vida.

Ao retornar à sala, Riabóvitch tenta em vão reconhecer a mulher misteriosa entre as demais, o que é impossível, pois ele não teve sequer uma breve visão do rosto dela. Porém, aquele beijo roubado traz à tona os desejos ignorados de se relacionar com alguém.

Mas, novamente, toda essa tomada de consciência é deixada de lado. Pois, ironicamente, quando Riabóvitch retorna ao acampamento, avisam-no de que, durante a sua ausência, os oficiais de sua brigada saíram à casa do General Fontriábkin que os convidara:

[...] por um instante, a alegria acendeu-se no peito de Riabóvitch, mas ele a apagou imediatamente,

deitou-se na cama e, por pirraça ao seu destino, como que desejando fazer-lhe birra, não foi à casa do general.

(*O Beijo* - Antón Tchékhev, p. 19).

Assim, Tchekhov finaliza seu conto. O que ainda surpreende é que o seu protagonista não é, por exemplo, um homem sedentário que conhece o mundo mais através dos livros do que pela experiência direta, mas um homem que, apesar da sensibilidade extrema, se entrega, voluntariamente ou não, à vida ativa, um militar, alguém que supostamente possui ou deve possuir domínio de si mesmo, alguém que supostamente foi treinado ou adestrado para enfrentar os mais absurdos perigos.

Mas o valor e a reação emocional dada a uma determinada experiência variam de pessoa a pessoa, de cultura a cultura. Dessa forma, a aventura amorosa com uma mulher, ou ao menos, a sua remota possibilidade, pode ser um conflito tão ou mais intenso quanto estar na carnificina de uma batalha real. A hierarquia dos medos, dos anseios e das vergonhas não é universal; a morte e a dor física não são, necessariamente, os piores acontecimentos da vida humana.

Tema 03:
O Pequeno Príncipe:
introdução ao amor

1. Bianca Galante Farias de Souza Etec de Carapicuíba

Sendo um dos livros mais vendidos da história da humanidade, *O Pequeno Príncipe* é um marco cultural. Amado e questionado, existe uma pergunta que alcança a nossa mente por pelo menos uma vez: Afinal, por que essa obra é tão popular?

Para crianças, o livro é uma obra divertida, cativante, bonita e educativa, que estimula a criatividade e a imaginação. Para adultos, é uma obra igualmente cativante e bela; contudo, tocante e emocional. No entanto, quando adultos, enxergamos mais na obra do que as mentes cheias de fantasias e engenho dos pequenos. E por qual razão, exatamente?

O Pequeno Príncipe é uma obra sobre o nosso crescimento e a nossa realidade; essa a qual só entendemos quando crescemos. A primeira coisa que percebemos enquanto amadurecemos é simples, óbvia e eterna: não somos todos iguais. Não temos a mesma oportunidade. Sentimos essa realidade na pele.

Pela falta de opção, presos na vida que nos foi imposta, acabamos nos enclausurando nos personagens que o pequeno príncipe encontra em sua jornada; o viciado em trabalho, o rei que governava sobre nada, o bêbado que declina a realidade, e os restantes que nos fazem refletir sobre quem somos e como agimos – indiretamente, interpretamos cada personagem como um espelho de nós mesmos e das nossas decisões.

Por fim, detidos em uma vida tão pacata, o que podemos fazer a respeito?

É exatamente nessa pergunta que *O Pequeno Príncipe* guarda seu significado e sua grandeza. É quando nos questionamos em nossa própria consciência “Como podemos atuar para mudar?” que a obra passa a nos carregar em uma onda de sentimentalismo que nos leva a desembarcar em uma aventura memorável.

Crescer não precisa ser sobre deixar no passado a alegria e as brincadeiras da infância. O processo de crescer é sobre tentar até se cansar, e então levantar mais uma vez e tentar de novo. É sobre errar muitas vezes, e acertar muitas vezes. É sobre improvisar, arriscar, se dedicar e se empenhar até o dia que você finalmente irá se encontrar.

Amadurecer é se arrepender, aprender, corrigir, e continuar tentando; ser adulto não significa se prender ao usual e pacato. Ser adulto é continuar na estrada do conhecimento próprio, se descobrindo cada vez mais, cometendo os mesmos erros e os consertando em seguida.

Talvez seja clichê dizer que temos que viver cada segundo como se fosse o último, mas é inegável a veracidade de que cada instante é único e nunca poderemos voltar atrás. Quando errar, não se arrependa; aprenda. E continue vivendo até cativar a si próprio com suas próprias conquistas e seu próprio fascínio, dado que uma vez que aprendemos a cativar a nós mesmos, é questão de tempo até cativarmos aqueles ao nosso redor.

E o que torna cada um de nós único, é a forma como nos cativamos.

(E a melhor parte de viver é compreender que o essencial é invisível aos olhos.)

2. Letícia Pereira de Assunção
Etec Maria Augusta Saraiva

Meu Pequeno Príncipe

Já faz tempo que ele se foi
Eu pedi a ele que não fosse
Pedi que ficasse comigo
Mas já era tarde demais...
Ele me deixou

Pelo meu egoísmo...
Pelas minhas mentiras...
Eu havia magoado meu Pequeno Príncipe

Eu magoei a única pessoa
Que cuidava de mim
A única que me amava
Me amava porque eu era bela
E porque eu perfumava o seu pequeno planeta
Pequeno como era meu pequeno príncipe

Ele era único no mundo para mim
Eu espero que eu também tenha sido
Éramos apenas crianças...
Espero que um dia eu me encontre
Novamente com meu Pequeno Príncipe

Mas há uma coisa que me consola
Ultimamente quando eu olho
Para as estrelas
Ouço a risada do meu pequeno príncipe
Como se fosse um presente para mim
Apenas para mim...
Minhas pétalas começaram a cair...
Lentamente...
Uma por uma...
Eu sinto falta dele...

Ouço sua risada mais forte...
De repente não ouço mais nada...
E tudo fica escuro...

- Rosa?

Subitamente escuto uma voz
No fundo daquela imensa escuridão...
Uma voz que pensei que nunca mais ouvir
Mas aquela foi a última vez que pude ouvi-la....

3. Micaella Ribeiro Teotônio Dos Santos Etec Ferraz de Vasconcelos

Deserto do Saara, 30 de dezembro de 1935

Para: Minha rosa

Oi, amor. Há quanto tempo não lhe escrevo? Tive saudades de lhe descrever minhas aventuras, mas essa carta será mais como um desabafo. Tenho pensado muito nessa última viagem. Até me lembrei de nossas desventuras e do quanto elas nos foram importantes.

Minha viagem foi simples e com várias paradas. Na primeira, visitei o planeta 325, e meu bom amigo “prepotente”. Ele me trouxe várias lições de vida. Uma em especial me chamou a atenção: “Só se pode cobrar algo de alguém quando a pessoa tem a capacidade de fazer”. Ouvindo aquilo, lembrei de quando nos separamos, justamente por cobrar um do outro, algo que ainda não estávamos prontos pra sentir. Lembra de quantas vezes quisemos que o outro alcançasse uma maturidade que nem mesmo a gente tinha? Quantas vezes já não quisemos que o outro fosse menos ou mais carinhoso, menos ou mais, isso ou aquilo?

A verdade é que éramos muito jovens, novos em amar e entender nossos próprios sentimentos, quem dirá um do outro. Então me afastei. Precisei pensar, e imagino que você também.

Prosseguindo minha viagem, fiz uma breve visita no planeta 327. Lá, conheci um senhor ébrio e melancólico. Perguntei a ele porque ele estava bebendo tanto e a resposta me tocou.

Disse ele que era pra esquecer, justamente o fato dele beber... Nessa situação, qualquer pessoa pensaria que é algo simples de

resolver, não é? “Ora, se ele bebe para esquecer que está bebendo, é melhor que ele pare de beber”. Parece bem simples, mas veja, não é difícil parar de fazer mesmo as coisas que nos fazem mal? Desde deixar de admitir um erro, apenas por orgulho, ou mesmo fingir que não se importou com o erro de alguém que ama e... bem, deixe para lá.

Mais tarde, no planeta 329, conheci um exausto acendedor de lampião. Senti-me mal por ele. Ele nunca parava para descansar, seguindo à risca um regulamento extenuante.

Vendo aquela situação, refleti sobre o quanto nos colocamos em posições onde esquecemos completamente nossas próprias vontades para satisfazer os caprichos de alguém. Sabe, isso é adoecedor, murcha os resquícios de vida do planeta de qualquer um. É uma catástrofe.

Todas essas emoções e lembranças que carrego comigo, finalmente fizeram sentido na minha parada final, a Terra, onde aprendi verdadeiramente o que é cativar.

Passei por diversos lugares. Em um deles me deparei com várias rosas, que, para alguém que não lhe conhece como eu, seriam iguais a você. Mas para mim, que reconheço teu perfume como o único e o melhor em todo o universo, os perfumes delas são como qualquer outro.

Foi então que entendi: cativar se trata de crescer contigo, entender pouco a pouco nossos sentimentos um com o outro, se trata de deixar o orgulho pra pedir desculpas e agradecer, falar e ouvir, se trata de saber que nem sempre vamos concordar, mas sempre vamos nos amar.

Minha rosa, saiba que eu sou eternamente feliz em ser responsável por ter te cativado. Estou voltando para casa.

De: Seu Príncipe

4. Jamyle de Almeida Aguiar **EEEP Maria Cavalcante Costa**

Ceará, 06 de novembro de 2020

Querido Pequeno Príncipe,

Por meio desta carta, busco expressar toda minha gratidão. Por ter ensinado-me tanto! Lições sobre a beleza da imaginação de uma criança, a criatividade existente na mente humana, enquanto conhece o universo.

Meus agradecimentos por mostrar que o mundo, pode ser visto de várias formas, as pessoas têm importância e valor, e somos responsáveis por laços que cativamos. Aprendi em cada linha, que a infantilidade do coração deve ser conservada por toda a vida e não permitirmos que ele seja “adultizado” por sentimentos rabugentos. “Todas as pessoas grandes foram um dia crianças – mas poucas se lembram disso.”

Me ensinaste tanto sobre o amor, o quanto devemos cuidar de quem amamos, a responsabilidade que adquirimos quando nos unimos afetivamente à alguém. As pessoas não são efêmeras, “Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” A partir do laço entre duas delas, jamais serão indiferentes. Depois que me perdi lendo as páginas de sua aventura, Príncipezinho, encontrei-me para a vida.

Carinhosamente,
A menina Jamyle.

Tema 04:
Amor

1. Julia Viana Sobrinho Rocha
EE Deputado Manoel de Nóbrega

O amor possessivo

Nascemos já com mães e pais dizendo eu te amo e, ao longo dos anos, descobrimos o que é o amor. Mas agora eu te pergunto, o que é o amor?

Há algum tempo nós, do Círculos de Leitura, lemos um conto chamado *A Menina e O Pássaro Encantado*, de Rubens Alves, e eu achei um texto tão importante, pois devemos sempre falar sobre os tipos de amor que temos à nossa volta, e sempre se perguntar, é um amor saudável?

Somos todos pássaros, implorando a cada segundo para ficarmos livres, voar para o verde, ou para o mar, ou simplesmente para o parque da esquina, mas como somos pássaros também podemos ser uma menina, uma menina que ainda não descobriu o amor próprio, uma menina que vive pelos outros, que tenta se descobrir a cada noite, mas falha, e quando o sol toca sua pele, ela se sente sozinha e prende o único ser que sempre quis aquecer seu peito.

Devemos começar a nos perguntar, até quando é bom amar? sim existe um limite, o amor não pode e nunca poderá ser obsessão e possessão, o amor é puro, nós que fazemos uma imagem completamente distorcida dele.

Ele é tudo o que vemos, até a dor tem ele, lá no fundo desse sentimento tão cortante já existiu o amor, mas todos nós acabamos com a leveza dele, colocamos nossos sentimentos em cima de outros,

e proibimos a pessoa que juramos amar de fazer algo que ela goste, fechamos os ciclos sociais e limitamos os lugares que ela pode sair.

Que amor é esse, que prende e sufoca?

Aprendemos a amar desde pequenos, será que estamos fazendo certo? Ou como tudo nesse mundo, destruimos a coisa mais pura que existia nele.

2. Antonio Vanutti Galvão da Silva

EEEP Manoel Mano

Falar de amor é um tanto quanto difícil. Confesso que por muito tempo tive o pensamento de que só existisse o amor romântico entre duas pessoas, até chegar Dostoiévski, Nástenka e o Sonhador para mudarem por completo minha concepção. Por meio da obra *Noites Brancas*, descobri que existem vários tipos de amores, dentre eles aquele amor de amigos, aquele amor fraterno, aquele amor de almas, além do amor romântico, e que todos têm sua devida importância e faz seu coração palpitar de felicidade. Já parou para pensar que sua alma gêmea pode não ser a pessoa que você vai se relacionar fisicamente pelo resto da sua vida? Nástenka e o Sonhador me ensinaram isso, nossa alma gêmea pode ser aquele amigo que está do nosso lado, aquele que não te abandona nunca, pode ser a profissão dos teus sonhos que te faz acordar todos os dias com um brilho nos olhos que contagia as pessoas ao seu redor, pode ser aquela música que te deixa feliz e que te faz ser parte daquela história que está sendo contada...Esse amor não precisa ser físico para ser verdadeiro, ele só precisa ser recíproco todos os dias. Existe uma singela particularidade nos girassóis que poucas pessoas sabem, quando o sol se põe eles se viram um para o outro, no intuito de que ambos sejam suporte. Nástenka e o Sonhador eram esses girassóis, eram esse suporte, no sentido de ajudar, de compartilhar amor, carinho e muita fraternidade, eles eram almas gêmeas. Desde então, me inspiro completamente no amor deles, pois minha alma gêmea pode estar na minha profissão, nos encontros com os amigos, nas formações dos círculos, numa música que me faça feliz, na felicidade

em dançar São João e em muitos outros momentos. O amor não precisa ser carnal, ele precisa ser verdadeiro, recíproco, saudável, contagiante e feliz, assim como o amor de Nástenka e Sonhador. Existem pessoas que aparecem no momento certo, oportuno, no momento kairótico e que despertam o sentimento de amizade e confiança, que te estimulam a ser melhor a cada dia e que transformam teus encontros mais felizes. Essas pessoas te fazem contemplar a beleza e maravilha do céu, do canto dos pássaros, do barulho do vento batendo nas folhas, de uma leitura prazerosa. É aí que percebemos que nossa história se renova a partir dos encontros e que o poder da lembrança é capaz de inundar toda uma vida, pois por meio dos pensamentos você consegue reviver encontros e ser feliz outra vez. Dostoiévski sempre me fez pensar em relação às pessoas que chegam em nossas vidas e a mudam completamente para melhor. Hoje, consigo ver que tive e que ainda tenho bons encontros, que conheci e ainda vou conhecer muitos Sonhadores e “Nástenkas”, que posso reviver e ser feliz novamente através das minhas lembranças e que posso me apaixonar e ter vários amores diferentes. Meu sentimento é só de gratidão por ter conhecido a história desses dois personagens. Gratidão a Dostoiévski por apresentar ao mundo o amor de amigos, por meio do encontro de almas gêmeas do Sonhador e da Nástenka.

3. Rayan Fernandes da Silva

Etec Juscelino Kubitschek de Oliveira

O Espelho Mais Onírico

Uma noite branca?

O quê posso eu dizer

Do que pude ler?

Do texto que tédio arranca

Do estimado Fiódor

Falando sobre amor

Estranho pode soar

Mas mesmo sendo incomum

Não é devaneio algum

Todo mundo pode amar

Desde o maior escritor

Até eu, aqui, seu interlocutor

Tenho complexidade

É a mente de sonhador

É de uma casa sentir dor

Ao passear pela cidade

É ver moça a chorar
Tentar ela consolar

Viver em quatro noites, paixão
Noites brancas, de céu claro
À uma estranha dar amparo
E entregar o coração
Nisso tenho pensamento amigo
Aconteceria fácil comigo

Também vivo em devaneio
E fácil me apaixono
Em romantismo tenho trono
Amor eu anseio
No momento, não o tenho
Tê-lo-ei! Nisso me empenho

E o quê tem essa história
Que me chama a atenção?
Talvez a pura noção
De ver minha trajetória
Contada por outro alguém
Que narra-me tão bem

Foi como olhar em um lago
De água tão límpida
Ver minha aparência ríspida
Imperfeições que ainda galgo
Busco elas apagar
Para a mim mesmo melhorar

Rejeitado fui também
Nunca tive recíproco amor
Amei, assim como, o sonhador
Sendo trocado por outro alguém
E dor encontrei em demasia
Recuperando-me até hoje em dia

E nisso eu reflito
Dostoiévski me ajuda
Ao viver paixão que não é muda
Gero sempre um conflito
Com quem penso em amar
Quem tive a me declarar

Mas é pior calar o peito
É viver dentro do casco
Mesmo amor sendo carrasco
Fugir a ele não tem jeito
Mesmo que a si mesmo rogue
Ele insiste e nunca foge

É tão bom enquanto dura
Entrega verdadeira felicidade
Deve ser por minha idade
Minha mente imatura
Que eu me iludo fácil assim
Deixo paixão tomar conta de mim

E quando acaba a aventura
Quando resta só a dor
Cessa-se aquele ardor
Recordar vira tortura
E memória inquietante
Faz-se presente em cada instante

Se no lugar daquele moço
Estivesse eu em pessoa
Perder amor que em mim ressoa
Seria o fundo do poço
Não saberia o quê fazer
Qual sentimento iria ter

Mas seria meu conforto
Que feliz estivesse
Que cessaria seu estresse
Haveria a ela seguro porto
Mesmo que não seja eu
Quem amar ela escolheu

E obra é meu reflexo
Minha Nástenka, eu procuro
Vivo ainda no escuro
De ser a mim mesmo complexo
Ainda haverão paixões francas
Haverão outras noites brancas.

4. Francisca Vanessa de Sá Souza
Liceu Marcionílio Freitas

Minhas Faces

Homens não se apaixonam por nós,
Homens se apaixonam pelo o rosto
Que vai com a água corrente

Se apaixonam pelo os nossos olhos
Esfumados e nossos lábios vermelhos.

Homens vêm e vão como a água
Sem interesse em conhecer a pele limpa
Sem nossos pincéis,
A noite é fria e ao teu encontro
Eu vou com meu vestido modelado e saltos finos

E meus sombreamentos em minha face
Carregando a obra no rosto para te apreciar aos teus olhos escuros pelo o desejo

Tema 05:
A Comédia Humana:
empatia

1. Moisés Valério Caetano
EE Joaquim Adolfo de Araujo

A Comédia Humana

O livro fala muito comigo, sua história mostra as belezas e grandezas que habitam o simples da vida, a luz dos olhos de uma criança.

É lindo aprender com um garoto que sabe viver, coloca amor no que faz e vive plenamente. Não se trata de tempo, mas da energia empregada em viver.

Ulysses, menino observador, livre de preconceitos, sente a beleza, pois tem tempo e pureza para olhar. Para ele, o mundo é um infinito de belezas e um universo de coisas para se aprender, parece muito, mas havia tempo para contemplar, da beleza de um ovo, a careca de um senhor, que o fascinou, assim como a música, ah! a música! Transforma semblantes de formas que a razão desconhece, quem tem o semblante alterado, não encontra os caminhos do como, é simplesmente tocado e o milagre acontece. A música compartilha a felicidade do homem, veja o Senhor Negro, o do trem, se sentia realizado por rumar ao seu lugar, sua Ítaca. Existem várias Ítacas, que podem ser qualquer lugar, desde que seja o seu. Aquela música marcou Ulysses, um pequeno trecho, virou uma enorme lembrança, não em tamanho, mas em importância, um homem que cantava e compartilhava sua porção de felicidade.

O senhor foi o único que respondeu ao aceno de Ulysses, um homem sem posses, mas rico de amor, que foi enviado ao garoto em ato de gentileza. A tristeza, o cansaço e a falta de olhos de ver,

fecham as pessoas para a gentileza, o aceno de alguém feliz é uma dádiva.

Que nunca percamos a felicidade, que mora nesse olhar para dentro de si, que nos mostra quem somos. Tema presente na passagem do missionário, que passou 30 anos se doando à igreja, e foi questionado sobre sua salvação.

Na igreja, novamente a música levou Ulysses a sonhar, “vestia roupas de domingo” É importante estar pronto para encontrar leões, não enfrentar, pois aquele leão não transmitia medo ou perigo, havia vida em seus olhos. Sobre roupas, as de domingo são especiais. De maneira simbólica, essas roupas são as vestes da alma, nos veste de bons sentimentos, pureza, amor, verdade e força para enfrentar os leões da vida, que desafiam, mas não assustam o pronto.

Sobre olhos, aprendi que são a porta da alma, o caminho que conduz a essência de um ser. Ulysses não vê vida nos olhos do Mecano, pela primeira vez, experimenta o medo, a sensação de morte de olhos sem vida. Eis que surge o jornalista, combatendo notícias ruins e tragédias, consideradas falta de educação e indignas de gritos. Coisas ruins? Não é de bom tom dar voz! Que sejam elaboradas e curadas, mas sem gritar, seu barulho amedronta e paralisa. Coisas ruins, curamos com vida, como as árvores, fortes, renováveis, e se replantadas, renascem e dão frutos.

O medo de Ulysses, foi vencido pela esperança de encontrar, na rua, alguém familiar. A família é nosso porto seguro, renova esperanças e guia na busca de sermos, bons, pela família. Alguém que nos é familiar, que carregue consigo tudo o que a família representa, é família, pois a palavra família dá vida e origem a palavra familiar.

2. Milena Barbosa dos Santos

EEEP Irmã Ana Zélia da Fonseca

Ulisses

Ulisses é em menino admirável
Com o seu diferente olhar
Pra ele, tudo é interessante,
E a ele tudo faz encantar
Tem outra visão do mundo
E a todos sabe alegrar

Ele admira os mínimos detalhes
Até um trem chama sua atenção
Acena aos passageiros
Com uma grande emoção
Porém o que mais o admira
É ao homem cantar uma canção

Para Ulisses,
Conhecimento é poder
É um mocinho curioso
Que está disposto a aprender
Ele não se limita
E de tudo quer saber

Ulisses com interesse
Foi numa loja da cidade
Quando viu uma armadilha
Despertou curiosidade
Queria saber como funciona
E se tinha agilidade

Mas ao cair na armadilha
Big Chris despertou preocupação
Pedi para que o dono do local
Encontrasse a solução
Mas o Senhor da loja
Não prestou nem atenção

Agora pergunto, e se fosse você?
Que cargo iria ocupar?
Seria Big Chris, um homem,
Que estava disposto a Ulisses ajudar
Ou seria o dono da loja
Que estava preocupado com o que os outros iam pensar?

Muitos momentos de nossa vida
Encontramos pessoas para nos amparar
Mas temos que entender
Que nem todos vão nos encorajar
É preciso seguir em frente
Para nossos sonhos conquistar

Ulisses enfrenta um momento apavorador
Conhece um homem máquina
Que lhe transmite terror
Tem olhos frios, sem vida,
Sem esperança e amor

O garotinho corre assustado
Para dali fugir
Está perdido na cidade
E não sabe pra onde ir
Até que encontra um amigo
Que está disposto a lhe acudir

Ulisses em todo o livro
Nos mostra a felicidade
Ele admira as coisas simples
Ver as belezas invisíveis da cidade
Podemos aprender com o menino
a despertar nossa curiosidade!

3. Ciely da Silva Santos Lima

EE Padre Romeo Mecca

Doce lembrança

Começo este pequeno texto, relembrando cada momento vivido nos Círculos de Leitura, que foram maravilhosos. Hoje sou muito grata por ter participado deste projeto e ter tido a oportunidade de me aproximar ainda mais da leitura e descobrir um mundo cheio de aventuras.

Como é bom reviver cada momento deste. Aqui digitando este texto me pego chorando ao escrever sobre o livro de William Saroyan *A Comédia Humana*. Esse foi o primeiro livro que ganhei de presente da ex-multiplicadora Camila, é um anjo que hoje não está entre nós. Mas que deixou com cada um as mais lindas lembranças e a vontade de seguir em frente mesmo com os obstáculos.

Aqui descreverei um pouco da história de Homero Macauley, um adolescente de 14 anos que é mensageiro de telégrafo, que passa por diversas situações e sentimentos pela sua vida, que se despede de sua inocência para enfrentar a dura realidade da vida e que por muitas vezes sente-se confuso e não sabendo lidar com tanta responsabilidade que o cerca.

A partir daí ele percorre a sua cidade de Ithaca, conhecendo pessoas e lidando com um mix de sentimentos e principalmente tendo que suportar a saudade de seu irmão mais velho que está em guerra pelo seu país, sem saber se ele voltará para casa um dia.

Assim ele se depara com um telegrama de seu irmão Marcus, em que descreve o que ele precisava saber naquele momento, seu

eterno carinho e amor por ele e como ele deveria seguir se ele não voltasse. Então, Homero sente-se com raiva em perceber que isso poderia acontecer.

De fato, aconteceu, seu irmão não voltou para casa, nunca iria voltar. Como ficariam as coisas? Como Homero ficaria? Como iria enfrentar o luto?

Esse foi o sentimento que senti ao finalizar essa linda história e pensar como a família Macauley seguiria. Para minha surpresa, a mãe de Homero, mesmo nervosa com toda situação, olha para o amigo de Marcus que retornou para a cidade e foi ao encontro deles, sorriu e o chamou para conhecer a sua casa. Pois é, isso foi uma grande lição de vida e força para enfrentar tais sentimentos e me pego recordando também dos encontros que tive com a Camila, que foram exatamente como a mãe de Homero fez, mesmo eu sofrendo pela ausência de uma amiga, eu posso sorrir por tudo que ela nos ensinou e seguir em frente com aquilo que sonhamos. Por isso, essa história foi tão marcante pra mim e dou a esse pequeno texto o título de Doce Lembrança, pois através desse livro posso recordar cada momento em que vive neste círculo e olhar para onde estou hoje e ter orgulho de ter tido a oportunidade de conhecer uma das mais lindas almas Camila, como os amigos de Marcus e a família de Homero o conheceram.

Tema 06:
A importância das ajudas

1. Isabella de Cássia Romeo

EE Maria Aparecida de Castro Masiero

A Princesa Viajante

Eu aprendi a amadurecer da forma mais difícil possível, perdendo o que amava, no começo foi doloroso, ninguém gosta de perder seu melhor amigo, seja ele real ou imaginário, mas com o tempo comecei a entender que amadurecer é necessário, por mais que não seja o que queremos.

Ainda guardo as cartas que minha amiga imaginária me mandava, elas até hoje me mostram que a felicidade não está em algo, mas sim em alguém.

Estava andando naquela mesma praça, fazendo os mesmos caminhos de criança, só que agora com outra visão de mundo, o sumiço da boneca amada não era mais minha prioridade, crescer me machucava, mas era necessário.

Tinha uma menina sentada no banco, estava de máscara e não tinha cabelos, mas usava um belo vestido de princesa, infelizmente seus olhos estavam tristes, senti que era necessário falar com ela, eu conseguira me ver exatamente com aquela mesma feição há muitos anos atrás, me sentei ao seu lado

-Por que uma princesa tão bonita está tão triste? -perguntei para a menina que me olhou com os olhos marejados

-Eu não sou uma princesa...- a menina respondeu triste

-Eu discordo, seu vestido é simplesmente lindo

A menina não me olhava nos olhos, hora ou outra tossia um pouco, depois de um longo silêncio ela disse em meio a lágrimas

-Princesas não são doentes... elas têm cabelos lindos e estão sempre sorrindo...

Finalmente tinha entendido a situação, ela se sentia diferente do que conhecia, naquele momento senti na pele o que o “carteiro de bonecas” sentiu quando me viu chorar.

-Nem todas as princesas são iguais... olhe para mim... sou uma princesa que nem sempre está sorrindo ou se sente linda, porém continuo sendo uma princesa...

A menina me olha espantada, totalmente incrédula

-Você é uma princesa!?! – perguntou a menina, que pela primeira vez me olhou nos olhos

-Claro que sou, somente uma princesa reconheceria outra!

A menina me olha com carinho, mas não estava totalmente convencida da minha resposta.

-Nem todas as princesas usam coroas o dia todo, muitas estão trabalhando, cuidando de seus reinos e também se cuidando... O que te faz uma princesa não é seu cabelo esvoaçante, mas sim seu coração generoso e seu amor pelos seus súditos...

A menina parecia menos triste, mas ainda não tinha sorrido

-Me encontre aqui amanhã, nesse mesmo horário -disse sorrindo para a pequena princesa

No dia seguinte ela estava lá, com o mesmo vestido magnífico e com a mesma feição triste, me sentei ao seu lado e entreguei uma coroa para ela.

-Essa foi a coroa que ganhei do meu reino, ela ficaria linda com seu vestido!

A menina olha para a coroa com um olhar feliz e amoroso, naquele momento coloquei a coroa em sua cabeça

-Como pensei, ficou magnífico!

-Mas... não posso ficar com ela, é sua

-Eu prometi que a entregaria para uma princesa de coração puro, depois de anos de procura finalmente a achei, e sem dúvida você é a princesa mais bela de todos os reinos

Pela primeira vez a menina sorriu, ela brincava com a coroa e corria com ela para todos os lados. Todos os dias era isso, nos encontrávamos e eu contava a história do meu reino e de todas as aventuras que eu vivi, pelo menos que ela acreditava que vivi, ela sempre ficava extasiada com as aventuras e me perguntava quando seria as dela, todos os dias ela sorria e se sentia a princesa que ela acreditava ser, e no fundo realmente era.

Ela infelizmente não apareceu mais, demorei para aceitar que a pequena princesinha poderia não estar mais feliz e cheia de vida, não sabia como era sua vida longe daquela praça, mas sabia que onde quer que ela estivesse ela ainda seria a princesa mais linda de todos os reinos, hoje agradeço o “carteiro de bonecas” por ter me mostrado que o sorriso de uma criança é o presente mais precioso que podemos ganhar.

2. Vitoria Silva de Andrade

EE Maria Aparecida de Castro Masiero

Survive Now, Cry later

Quando li *Kafka e A Boneca Viajante*, percebi o valor do cuidado a coisas que, aos nossos olhos, não são detalhes importantes. Tratamos a perda como um fato, um acontecimento, um momento a ser urgentemente superado. A perda é um detalhe, pois faz parte de uma passagem, a que chamamos de maturidade. Ao nascer, a primeira coisa que perdemos é o ambiente ao qual nos desenvolvemos, e choramos. É doloroso perder um lugar, uma pessoa, um objeto de carinho, um lar, uma boneca... Já senti falta de momentos que nunca vivi, e me perguntei por um tempo “o que leva alguém a sentir falta de momentos que nunca viveu?”, acho que é um efeito colateral da expectativa, e para que nos serve isso, além de projetarmos uma realidade inexistente que conforte nosso presente? A expectativa pode vir com efeitos colaterais, um dos mais frequentes é a decepção. Sei que ao longo da vida me deparei com alguns efeitos colaterais, assim como a Elsie, senti, muitas vezes, a expectativa do infinito sobre coisas boas demais para acabar, ou melhor contextualizando, para partir. Eu cresci e vi que a vida não é feita principalmente de comemorações, formaturas, medalhas e prêmios, e sim de frações do meu dia como pegar uma chuva de verão, pintar o cabelo de outra cor, olhar para um amor e enfrentar seus olhos furiosos, ouvir da minha mãe antes de sair de casa que Deus vai me acompanhar. No dia-a-dia, também há perigo, pois somos esvaziados com a nossa trivialidade, por nós e pelos outros. E quando menos se espera, de repente você

se vê, outra vez, naquele lugar do seu coração, em pedaços, e percebe que esse espaço, ou seja, o amor, é preenchido de tempos em tempos. É preenchido por um cachorrinho na rua que recebe seu gesto, ou em dias de frio que você sente aquele cheiro do café e do conforto que ele traz, ou acaso você lê algo que te arrebatava e é exatamente aquela dose de palavras que preenchem seu espaço, novamente. Mas veja bem o que estou escrevendo. O tempo precisa passar, senão, dói. Podemos supor que o tempo é a vida, se ele não passar, nada acontece, não tem futuro. Sei que precisamos de explicações melhores do que essa. Mas o tempo é necessário, em cada aspecto da vida cotidiana se faz presente a fagulha da esperança que carregamos, é isso que deve nos dar a energia para viver, os detalhes, o todo. Concluo que, temos em nós, uma percepção oculta de onde deveríamos estar ou não, alguns chamam de pressentimento. E Kafka estava exatamente no lugar ideal para ir de encontro ao maravilhoso, esse lugar é ele próprio, havia dentro de si, uma alma cheia de empatia. Então, para todas as Elsie, que estão agora sentindo a perda, a devastação não é tão cruel quando é acompanhada de cura, precisamos nos permitir curar, uma dor, uma perda... Um sentimento é um processo, não deve ser segurado mais do que o necessário. Como é esplêndida a razão de que tudo há de passar!

Tema 07:
Superação

1. Andrya Braga Nunes

EE Maria Aparecida de Castro Masiero

Quando me mataram...

Na minha percepção, nós morremos diversas vezes durante a nossa vida, e somos assassinados por diversas pessoas diferentes, pode parecer exagero, mas toda boa história tem um fundo de exagero, eu vou explicar.

Hoje me mataram, ontem também, e talvez quem fez isso não se dê conta nem se fosse me enterrar hoje, foi uma morte interna e silenciosa, uma morte de alma, ninguém nem notou, só eu.

Desde que me conheço por gente tenho coisas muito bem definidas na minha cabeça e sentia como se tudo fosse possível, até hoje.

Morri pela primeira vez quando me deixaram, viraram as costas para mim e eu nunca soube o motivo, e até hoje todos os dias eu tenho tentado recuperar a minha vida, até que me mataram de novo, só que foi uma pessoa diferente, em um local diferente e por razões diferentes, e desde então nunca tenho me sentido viva de novo.

Eu sei exatamente quem me matou, onde me atingiu com a sua ignorância, sua soberba, sua falta de cuidado com as palavras, eu sei, eu ainda sinto, mas a pessoa não, e este é um fardo na vida.

Mas assim como podemos morrer tão facilmente podemos matar aqueles que amamos somente com meia dúzia de palavras, mas não sentimos o impacto da mesma maneira que aquele para quem dizemos aquelas coisas.

Acredito que pelo menos alguma vez na vida todos nós já morremos e já matamos, alguns simplesmente conseguem achar a sua vida de volta mais rapidamente.

Quando me mataram foram as pessoas que eu mais amava, aquelas a qual eu entreguei o meu coração e lá eles me tinham sem qualquer armadura ou forma de defesa, arrancaram pedaço por pedaço do meu coração que já havia sido partido.

O mais engraçado é que esse tipo de morte, morte de alma, parece doer mais do que a morte de corpo.

Não me esqueço daquele dia, não me esqueço daquelas palavras, não me esqueço do rosto daquela pessoa, a qual eu só esperava amor. Mas agora eu estou aqui, com minha alma morta, e meu corpo procurando por um sopro de vida por ela, vou ficar bem, não se desespere, tomara que eu tenha outra chance, de escrever sobre a minha próxima morte. Estou buscando a minha vida, até que alguém me mate novamente.

2. Laine da Silva Carvalho EEM Jaime Laurindo

Minhas experiências nos Círculos de Leitura foram ótimas, recomendo muito para pessoas que sofrem de ansiedade e depressão, pois ele ajuda muito.

As pessoas que conduzem os Círculos, conversam e brincam comigo, e isso é muito bom. Os livros que mais me inspiraram foram *O Pintor*, *A Cidade e O Mar* e *A Ilha Desconhecida*, porque ele me representou bastante. Desde que entrei no círculo, eu não desejo sair; nele eu consigo me expressar de uma forma que não consigo em casa ou na escola em si. Esse projeto foi um dos mais importantes na minha vida, eu estou saindo de uma fase muito cansativa, por causa dele. Os livros são bem escolhidos e bem refletidos. Eu me sinto mais à vontade, participando desse círculo. Eu falava muitas gírias, e desde que comecei a ler com os participantes do Círculos, que eu comecei a falar um português bem aceito. No começo eu não me senti à vontade em falar sobre o livro, mas depois que os livros e meus amigos leitores começaram a me tocar, eu consegui refletir os livros, comecei a trazer novas coisas ao Círculos. me sinto grata por participar desse projeto”. Eu sou uma ilha desconhecida, perdida algures neste oceano. Não me conheço, não me sinto, não me tenho e quando me procuro, não me encontro. Tento dar um pouco de mim, todos os dias. Tento libertar-me e gritar quem sou. De que me serve tudo isso? Sou uma ilha desconhecida, igual a qualquer outra. E como qualquer outra, espero um barco que me mostre, afinal de contas, quem sou eu e o que faço perdida no oceano, no meio de tantas ilhas todas diferentes, todas distantes.

3. **Priscila da Silva Araújo**
EEM Jaime Laurindo

O pintor

De tudo vi, pintei, guardei
De tudo vivi, aqui, sozinho
As cores na tela, toda essa aquarela
Não falam de mim,
Talvez seja sobre você

Não há graça em continuar neste topo
Se não me vejo no esboço
Se não estou na pintura
Se não encontro nenhuma chave
Para a misteriosa fechadura.

Depois de tudo que vi, pintei, guardei,
Nada me resta, meu bem.
E não me encontro,
Não me encontro tão bem.

Sei que não faz sentido
Tenho meu material, agora conheço o mar, as ondas, o que a
ronda

Só resta, para mim, me conhecer,
Eu nem sei sobre a palma da minha mão
Nem sei com exatidão.

São tantas rimas irritantes,
Tudo tão semelhante.

4. Sabrina Estevão Ferreira Da Silva EE Maria Aparecida de Castro Masiero

Eu sou corrupta, *infelizmente* eu sou, talvez não no exato sentido que Tereza, personagem da peça *Alma Despejada*, não lembro exatamente todos os erros que a fez ser corrupta, mas, no meu caso, digo corrupção no sentido de me corromper pelos outros, desgastando-me mentalmente e fisicamente e, esses outros não valerem nenhuma pena. Mesmo assim, eu cometi o mesmo erro que Tereza e percebi que esse também é um dos meus maiores erros, porém, percebi também, esse erro (e uns outros) a tempo, a tempo de viver, a tempo de aproveitar, a tempo de me descobrir, a tempo de ser eu mesma...

Essa história é bem marcante e impactante pois ela sabe bem mesclar os estilos, trazendo até mesmo partes cômicas. Na história, a própria Tereza fala isso, sua amiga a ensinou a levar a vida com picos de comédia para viver com equilíbrio. Fazendo-me, também, refletir que todos somos os protagonistas na nossa própria história, e os demais são coadjuvantes ou até mesmo figurantes, assim, eu entrei em um conflito de ideias.

Sinto-me como uma mistura de água com qualquer tipo de sabão, detergente..., na verdade, todos nós (na sua visão, ou seja, sendo o protagonista), pense comigo, olhando na minha visão para eu te explicar melhor, eu sou essa mistura dentro de um potinho próprio para fazer bolhas de sabão, e cada bolha que dele sai, é formada uma bolha social que a própria sociedade (coadjuvantes) impõe, então, eu infelizmente vivo em várias bolhas, não porque eu criei, apenas, por ser a água e o sabão que faz ela existir, mas não foi eu que soprei, a

sociedade soprou e criaram-me nelas já.

Eu e muitas pessoas apenas mantemos essa bolha no ar, pois temos medo de furá-la, com medo de perder algo ou alguém, na verdade, a maioria das pessoas já nascem nas bolhas, mas também, muitas pessoas entram em bolhas, não tem muito como medir isso, mas sei, que eu vivo em bolhas sim! É muito difícil de estourarmos, você vê poucas pessoas falando disso, e as que falam, geralmente são pessoas que estão no processo ou já saíram delas, mas essas pessoas dizem que é libertador, você ganha ar, fazendo com que você pare de ser sufocado, também, faz com que nossa visão seja mais ampla da realidade, fazendo nós enxergarmos fora da visão do protagonista, e após a bolha ser estourada, viramos todos ar, mostrando que somos iguais e nos conectamos, assim como mostra Tereza quando fala na história, quando ela está na sua pós morte.

Eu já estourei várias das bolhas que eu estava, mas eu sei, é extremamente estranho ter ar de novo, as coisas vão acontecendo e eu só sigo o barco, nem chego a me questionar, apenas vou refletindo, após estourar as bolhas fica tudo novo, as vezes parece aquela questão de “você atrai o que você sonha” ou “você atrai coisas boas e ruins, mas isso depende das suas atitudes e pensamentos”, e simplesmente essas coisas foram acontecendo nas bolhas, e por mais que pessoas apareçam nelas, poucas permanecem, por minha causa ou por decisão própria delas. E aí você vai sufocar ou vai querer respirar?

5. Marcos André Barbosa de Oliveira

EEEP Balbina Viana Arraes

As lembranças da leitura deixaram marcas fortes e importantes na minha vida. Quando criança, na fase da alfabetização, fui diagnosticado com transtornos de aprendizagem: dislexia e dislalia. A escola não conseguia me alfabetizar. Por meio de estímulos à leitura, consegui sanar minhas dificuldades com as letras. A leitura me fazia sonhar, despertava em mim projeções futuras, foi luz que me encaminhou para a aprendizagem.

Tive acesso a diversos textos, cresci em volta de coleções de livros infantis, revistas e gibis e à medida que o tempo passava, eu me apegava a outras leituras, como, livros de sagas HQs da DC e mangás japoneses. Aprendi que qualquer leitura é válida, porém não podemos consumir apenas um tipo de conteúdo. É necessária uma certa maturidade intelectual para agregar na nossa vida outras leituras. Foi justamente o que o projeto Círculos de Leitura me possibilitou perceber.

Os Círculos chegaram no momento certo da minha vida. No primeiro ano do ensino médio, ingressei no Programa como participante e assim pude externar meus pensamentos e sentimentos. A alegria foi contagiante quando fui convidado para exercer a função de multiplicador. Sonhava em repassar meus conhecimentos sobre os livros que li, sobretudo *O Pequeno Príncipe*, livro que conheci e li diversas vezes. Entretanto, para minha decepção, me deparei com o conto *O Espelho* de Machado de Assis. No auge dos meus 15 anos, como grande parte dos jovens, odiava ler qualquer obra que fosse desse autor. Sempre soube o quanto ele foi e é de grande importân-

cia para a literatura brasileira. Contudo, a forma como suas obras são trabalhadas nas escolas, deixam a leitura entediante e forçada. Tudo se resume numa Ficha de Leitura com o fim de obter uma nota. Minha surpresa foi total quando o conto foi apresentado. O modo como os multiplicadores conduziram toda leitura e discussão foi essencial para o aproveitamento. Assim, conheci e passei a amar o conto do Jacobina, e a forma como Machado descreve um homem simples e comum pode se perder totalmente do seu verdadeiro “eu” por receber um simples status. Provavelmente se meu encontro com essa obra tivesse acontecido em uma ficha de leitura, seria só mais um livro lido que eu iria esquecer logo em seguida. Discutir, refletir e compartilhar opiniões durante a leitura me proporcionou muitos questionamentos. Conversar em Círculos sobre as metáforas usadas no livro, o que entendemos sobre ter duas almas, uma com olhar interno e outra com olhar externo, mas que precisam ter equilíbrio para não gerar conflitos sociais e pessoais. Depois de concluir *O Espelho*, eu finalmente entendi o porquê de Machado de Assis ser tão prestigiado e admirado. Isso me fez refletir: Por que nossas escolas não trabalham nossa literatura da mesma forma que os Círculos trabalham?

A leitura nos Círculos me aprimorou como leitor e multiplicador. Isso tudo foi de tamanha importância para minha formação como pessoa. O projeto foi um leque de oportunidades para meu conhecimento.

6. Raiane Ferreira Lima

EEEP Napoleão Neves da Luz

Me vi perdida num mundo, que não era meu, nem seu, nem nosso, nem dele, nem dela;

Me vi numa melancolia eterna, que nunca teve fim, até crescer e entender que o mundo era assim;

Uma reviravolta de alegria, tristeza, saúde, doença, sem perceber, que o mais terrível era crescer e assim eu aprendi, que o mundo só vai ser ruim, se a gente quiser ser;

E quanto mais a vida passa, mas fica sem graça, e a graça quem faz é a gente, que pode fazer diferente e tornar-se um mundo melhor;

O mundo pode ser cruel, mas se sair do papel os planos que temos para ele, poderíamos nos aceitar mais, nos entregar mais e nos tornar ainda mais livres, como uma gaiivota que voa sem cessar, livre, leve e solta, assim podemos passar de um mundo cruel para um melhor;

Podemos fazer diferente, ser diferentes, mostrar diferença, o mundo só será melhor, quando nos aceitarmos só, sem medo, sem insegurança, apenas com alma, com lembranças, de um mundo antigo e sofrido, que evoluímos sem dó;

E assim a gente vai vivendo, caindo e aprendendo, que a vida só vai ser sofrida, se a gente se deixar levar pelo sofrimento, pois a paz vem de dentro, basta enxergar.

Eu sei, só queríamos ser criança novamente, com a inocência estridente de um ser espetacular, sem medo do futuro, apenas com um riso puro, onde de longe podemos enxergar;

Talvez o problema seja crescer, mas a solução seja amadurecer, e assim entender o que quando criança nunca pôde.

E vamos vivendo o mundo agora, sem medo da demora, do fim que pode chegar, esperando o futuro, tentando um riso puro, da criança que já fomos um dia, sem esquecer da alegria, que conosco sempre está.

7. Wérgila Laiza da Silva Macêdo

EEMTI Tabelião José Pinto Quezedo

Desde criança, eu sempre sonhei com os números. Desejava ter muito dinheiro, muitas casas, muitos carros e não via a hora de conseguir isso tudo. Aos 15 anos, eu tive o meu primeiro namorado, ele estilhaçou meu coração de um jeito inexplicável, mas eu tinha sonhos, sonhos bem maiores do que aquele amorzinho de quinta. Aos 17, eu encontrei uma pessoa incrível, ah...ele me completava de todos os jeitos e eu nunca tinha sentido aquilo por alguém, nunca mesmo! O mundo parecia encolher quando estávamos juntos, os problemas sumiram e minha vida vivia estampada com várias, transbordando de felicidade. Bom, eu dei uma nova chance para o amor, mas sempre lembrando que a minha prioridade eram os números e uma vida digna de luxo.

Aos 18 anos, eu consegui entrar para a faculdade dos meus sonhos, nossa...que alegria!! Que coisa boa!! Era como se eu pudesse ver a sementinha dos meus sonhos germinando os primeiros frutos. No entanto, o garoto que eu amava teria que ser deixado para trás, ele era a minha rosa, mas eu tinha que ir desbravar o mundo e conquistar os meus objetivos. Então, não cheguei a pensar duas vezes e me fui. Fui conquistar o mundo inteiro para mim, porque isso de fato me preenchia, me fazia plenamente feliz.

Aos 25 anos, eu me formei, consegui o meu primeiro emprego, porém continuava sozinha. O que continuava me movendo era o gosto pelos números.... isso sim me importava de verdade. No meu primeiro ano de trabalho, consegui a minha primeira promoção e pude ver os meus desejos cada vez mais próximos da realidade,

mas uma coisa me incomodava, eu tinha uma colega que sempre se saía melhor que eu em tudo e, é claro, que não pude deixar as coisas assim. Então, em prol dos meus sonhos e do meu incontrolável amor pelos números, causei a demissão dela. Como eu fiz isso? Bom, algumas mentiras bastaram, mas veja bem, era por mim, pelos meus sonhos. Aos 30 anos, eu continuava sem ninguém, todos me julgavam por isso, eu não tinha amigos, namorado e nem familiares por perto. Nunca quis muita proximidade, pois eu sabia que uma hora ou outra eles atrapalhariam os meus objetivos.

Aos 35, eu já tinha desbravado o mundo, tinha o melhor emprego, muitos carros, casas e dinheiro, pelo visto eu consegui né? Aos 40 anos, sair com um carro diferente a cada dia ficou sem graça, as casas quase não eram visitadas, o dinheiro, ah....não me encantava mais!!

Aos 60, os números perderam a graça e eu não entendia o motivo, as minhas condições me permitiam ser feliz e mesmo assim eu não era. Agora com 80 anos, sentada nesse sofá sozinha, eu só consigo lembrar-me da minha rosa, do meu bem deixado há anos para trás. Será que ele continua a exalar o seu perfume? Será que ele continua colorindo o mundo de outras pessoas, ou eu o transformei em alguém cinza como eu? Sinto saudade de mim, não sei quando me tornei essa pessoa sem cor que escolheu viver sem o que existe de mais lindo no mundo, o amor. Quem me dera ter entendido aquela frase “O essencial é invisível aos olhos”, daquele livro lido aos meus 16 anos, se eu tivesse refletido, teria entendido que as coisas mais valiosas do mundo não custam nenhum número.

8. Suelir da Silva Lima

EEEP Dr. José Iran Costa

É tão curioso eu me lembrar
daquela simples canção de ninar
Não posso explicar o que aconteceu
mas da memória não pude apagar

Ao passar tantas noites chorando
Eu sempre andava buscando
A coragem para ser mais forte
E poder realizar um tal sonho

Se houver um destino cruel a me esperar
E que tire todas as forças do que eu ainda vá acreditar
Se tiver um momento em que eu consiga respirar
Todas essas dificuldades não vão me importar

Algum dia, chegaremos ao sol,
Estaremos lá antes do amanhecer surgir
Tingidos em uma cor ardente
Nós podemos correr juntos e sorrir.
Pelas ruas dessa cidade escura
Vamos criar o nosso destino
Entrelaçados nessa nossa alvura

Eu te julguei ser uma pessoa fraca
Só porque queria muito te proteger
Mas, lá no fundo, eu quem era fraco
Por não conseguir entender

Naquelas noites em que chorava de dor
“Vou viver sozinho”, era o que eu pensava
Depois de tudo isso, posso lhe confessar:
Que eu só quero agora ao seu lado estar

Estou machucado e sem forças, mal consigo respirar
Meu corpo quebrado reclama, insistindo em parar
Não tenho esperança o suficiente para continuar
Mesmo assim, eu ainda quero tentar te alcançar

Algum dia, chegaremos ao sol,
Estaremos lá antes do amanhecer surgir
Tingidos em uma cor ardente
Nós podemos correr juntos e sorrir.
Pelas ruas dessa cidade escura
Vamos criar o nosso destino
Entrelaçados nessa nossa alvura

Durante os dias cheios de destruição
E o presente desgastado e escuro
As palavras que ecoam vão revelar
A alma selada dentro desse casulo
Esse sonho que abandonei sem terminar
Vamos dar a ele outra motivação

Algum dia, chegaremos ao sol,
Estaremos lá antes do amanhecer surgir
Tingidos em uma cor ardente
Nós podemos correr juntos e sorrir.
Pelas ruas dessa cidade escura
Vamos criar o nosso destino
Entrelaçados nessa nossa alvura

Nós com certeza alcançaremos o sol
Entrelaçados nessa nossa alvura.

Tema 08:
Determinação em
Fernão Capelo Gaivota

1. Manoel Vieira do Nascimento Junior
EEEP Monsenhor Expedito da Silveira de Sousa

O meu amigo Fernão

O meu amigo Fernão
É um cara de valor
Que me fez enxergar a vida
Com perseverança e fervor
E me mostrou que os obstáculos
É que constroem um vencedor

Fernão era uma gaivota
Que pensava sempre à frente
Que buscava o voo perfeito
E incomodava muita gente
E sofreu as consequências
De quem tenta ser diferente

Para essa gaivota
Voar era mais do que uma necessidade
Era a forma mais deslumbrante
De buscar a liberdade
De desafiar os medos
E alcançar a felicidade

Nessa busca incessante
De buscar a perfeição
Ele sentiu o medo do fracasso
E o peso da tradição
E por seguir o seu sonho
Foi posto à condenação

Fernão tornou-se um pária
Sem apoio e sem lar
Teve que partir pra longe
Pra continuar a sonhar
Até que alcançou o céu
Onde pôs-se a brilhar

Ao longo da caminhada
Muitas coisas ele aprendeu
Adquiriu novas habilidades
e confiou no seu eu
com a ajuda de grandes mestres
que a providência lhe deu

Nessa etapa da sua vida
Já com mais experiência
Fernão aprende em equipe
E vive a resiliência
De quem já sabe que pra vencer
É preciso ter paciência

O trabalho em equipe
Passou a ter muita importância
Para aperfeiçoar as técnicas de voo
E driblar as circunstâncias
Que nos afastam do caminho
E que nos tiram a esperança
Fernão também aprendeu
A ter empatia e discernimento
De que é preciso compartilhar
Todo bom conhecimento
E ajudar outras gaivotas
A ter empoderamento

O aluno estava pronto
e chegou a hora de separar
de deixar seus queridos mestres
e ao seu antigo bando voltar
pois as maravilhas que aprendeu
queria aos seus irmãos ensinar

Essa etapa nos mostra
A importância da separação
Onde as almas se enobrecem
E adquirem mansidão
Pois já sabem que a finalidade de viver
É encontrar e ostentar a perfeição.

E assim Fernão voltou
Pra mudar a realidade
De tantas gaivotas aprisionadas
No padrão da sociedade
Que limitava suas asas
E as privava da liberdade

Tudo isso nos faz repensar
Qual é de fato nossa missão
Será se nós já sabemos
O que é essa tal de perfeição?
E vos digo, meus amigos
É seguir as vozes do coração.

Só quem já lutou por um sonho
Sabe as dores que passou
Sabe o tamanho dos obstáculos
E dos leões que enfrentou
Mas sabe também valorizar
Tudo aquilo que conquistou

E isso foi só um resumo
Do que aprendi com Fernão
E esses seus ensinamentos
Sei que nunca morrerão
Espero que você também os conserve
No mais íntimo do seu coração.

2. Fábio José Martins Monteiro EEEP Maria Cavalcante Costa

A história de *Fernão Capelo Gaivota* se inicia com Fernão indignado com tamanha monotonia de o voo ser simplesmente uma maneira de se locomover das aves e de arranjar alimento. Fernão queria sempre novas maneiras de aproveitar esses voos e a partir disso nasceu sua paixão por acrobacias e por não querer essa vida limitada ele foi banido de seu bando e quando ele levanta seu voo para outro lugar ele se depara com duas outras gaivotas que estavam dispostas a lhe ajudar mais e mais a conhecer o mundo dos voos.

Nessa nova sociedade ele encontra várias gaivotas com a mesma paixão que a dele, porém ele só consegue o seu tão almejado sonho de fazer acrobacias enquanto voa depois de muitas e muitas horas de treino.

O processo de aprendizagem que ligava professores e alunos era tão alto que poderia chegar a ser comparado a nível dos deuses, ou seja, um nível sagrado para as gaivotas.

Fernão depois começa a entender que o seu espírito não poderia ser livre sem a capacidade de perdoar e seu progresso não iria continuar somente como aluno, mas sim teria de passar pelo caminho de professor, ensinando tudo o que já havia sido lhe ensinado. Para concluir essa parte de sua tão sonhada liberdade, ele voltou ao bando do qual foi banido para passar todos os seus conhecimentos adquiridos em tanto tempo fora de lá. Ele tinha a noção de que não seria fácil a passagem destes conhecimentos para o seu antigo bando, já que ele ia chegar e não teria uma aceitação total de todos, porém, essa etapa era a mais importante para esse processo, o ato de perdoar e amar.

Toda essa história de superação, amor e gratidão a respeito de Fernão me fez abrir os olhos para o mundo, que sempre devemos perdoar quem nos fez o mal, pois somente assim iremos conseguir alcançar novos vãos, ou seja, nossos objetivos, pois aquele peso na consciência de não termos perdoado quem nos machucou, no futuro pode se tornar um peso extremamente alto e no fim acabar nos derrubando.

3. Maria Julia Miranda

Escola Estadual Reverendo Tércio Moraes Pereira

Fernão Capelo Gaivota & Eu

Há três anos eu iniciava um novo ciclo da minha vida. Embarquei no ensino médio e em uma nova escola, após nove anos estudando numa mesma instituição. Essa escola, lugar não só físico, que foi minha casa pelos três anos que se sucederam me abriu muitas portas, e uma delas, talvez a mais especial, tenha sido o Círculos de Leitura.

Me lembro que o primeiro livro que li, sentada em uma roda com mais dez jovens, foi *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach. Naquele dia, do ano de 2017, a semente havia sido plantada e eu, mesmo sem saber, já era, assim como Fernão, uma gaivota que queria alçar vôos, que precisava descobrir o significado da vida e encontrar a vocação destinada. Naquele mesmo dia eu dava início a mais uma de minhas “mil vidas”.

Minha iniciação não poderia ser diferente, minha primeira obra como participante também não. Tudo parecia perfeitamente calculado para que ali eu me encontrasse. Folheando as páginas do livro junto aos meus amigos e multiplicadores eu me sentia atingindo cento e cinquenta quilômetros por hora em dez segundos, com direito a loop e outras acrobacias. Com o Círculos e com Fernão aprendi sobre o “voo das ideias”, sobre como quebrar as “cadeias de pensamento” e, conseqüentemente, romper as do corpo. Aprendi a ouvir a “voz cavernosa”, mas também, por vezes, ignorá-la. Ali, eu aprendi a voar.

Alguns meses se passaram e com imensa felicidade me tornei multiplicadora. Com os “Chiangs” que já me acompanhavam e com os que ganhei durante os grandes encontros, compreendi, assim como Francisco, que cada vez que se inicia um processo de ensino e aprendizagem é inaugurado um ciclo que não tem fim. Nesta nova etapa entendi, de forma concreta e prática, que compartilhar o conhecimento é o verdadeiro significado do amor.

Li novamente *Fernão Capelo Gaivota*, mas dessa vez como multiplicadora. Me emocionei. Naquele instante, assim como Francisco estava quando seu mestre partiu, me senti pronta. Voei.

4. Darlen Santos do Nascimento

EEEP Lysia Pimentel

Seria o vôo de uma gaivota unicamente uma forma de caça ou seria ele capaz de alcançar outros horizontes além daqueles já desvendados? Esta é uma pergunta que o livro *Fernão Capelo Gaivota* nos questiona. Este livro, em especial, me contou uma corajosa história, com uma bela mensagem e aumentou meu amor pela leitura através de um simples e modesto conto de uma ave. Pude me encontrar e me reconhecer no próprio personagem, uma gaivota que se encontrava limitada, angustiada e não satisfeita com a vida fatídica, que pelo fato de ser uma Gaivota, estava predestinada a seguir. Gaivotas realmente se sentem dessa maneira? Não, mas nós seres humanos, sim. Fernão Capelo Gaivota aos meus olhos, foi uma representação de um lado que existe em nós. Sedento por mudanças, não compartilhava o mesmo pensamento que seu bando, pois para ele, o vôo deveria ser mais que uma estratégia de caça, deveria haver muito mais, sem limitações, mas por pensar diferente, fora rejeitado, oprimido e humilhado pelos outros. Quantos de nós não pensamos diferente, nos sentimos diferentes e SOMOS diferentes? Esta é a palavra que define tanto o personagem, quanto a nós, diferente. Uma gaivota que queria voar mais alto, fazer do vôo uma obra viva aos olhos e que se sentia diferente pois pensava de outra maneira e não igual a todos? Creio que todos se identificaram com este personagem e por conta disso, esta obra se torna tão engenhosa e sincera para mim. Me apaixonei pela perseverança desta ave ao não se importar em alçar vôo pelo desconhecido, ir em busca de fazer acrobacias em meio a um céu vasto e solitário, onde fora o único que se rebelara

contra o conformismo em que os outros viviam. Ao decorrer da leitura, eu e meus colegas parávamos para discutir sobre o livro, e o que observei foi em que todos os relatos e dentro de cada um de nós, havia um Fernão Capelo Gaivota, sedento pela coragem que aquele personagem do livro tinha para fazer a diferença e escolher o que para ele, parecia ser a escolha correta. Para mim, percebi o mundo real dentro daquelas poucas páginas, com uma sociedade onde pessoas diferentes tinham medo de suas diferenças. Seja no amor, amizade, na fé, nas roupas, ou opções pessoais das pessoas, hoje vejo a diferença alçando vôo sem medo de julgamentos ou acusações, e creio que Fernão Capelo Gaivota esteja orgulhoso pela coragem que estes tiveram ao dizer não ao “normal”. Ao lembrar este conto, sinto meu coração vibrar um pouco com este personagem, que se tornou um exemplo para mim. O círculo de leitura sem sombra de dúvidas, assim como os horizontes alcançados por essa gaivota, amplia os nossos próprios horizontes. Agradeço por esse projeto por ter me dado a oportunidade de conhecer este singelo e corajoso personagem. Sou grata ao Fernão Capelo Gaivota que habita dentro de mim pela lição aprendida com este livro, e que tenhamos coragem para mergulhar em outros livros e, descobrir cada vez mais outros personagens que existem em cada um de nós.

5. Maria Luiza Pessoa

EEMTI Tabelaio José Pinto Quezedo

Mais um dia amanheceu! Eis aquele dia em que sair da cama é muito mais complicado, pois está muito frio lá fora e talvez aqui dentro de mim. Hoje também é aquele dia em que nos pegamos andando pela casa, aleatoriamente, apenas com uma xícara de café na mão, tentando entender que mais um dia se passou e o outro acaba de começar. Novos dias, novas rotinas, novas atividades, novos ciclos se abrindo e se fechando a todo momento, novas páginas, novos capítulos, novos livros... assim é o grande dia de viajar na leitura, sair do mundo real e embarcar no da fantasia.... De repente, me assusto com o toque do meu celular, recebo uma notificação do Círculos de Leitura, dia de viajar na leitura e isso acaba colorindo aquele dia frio e cinza.

Penso no quão inspirador é aquele momento das nossas leituras, em que multiplicamos conhecimento e dividimos experiências.... saber que ganharemos mais ainda é um luxo, entender que temos o nosso tempo é preciso, como o Pequeno Príncipe, que se afastou da Rosa para poder se conhecer e entender o valor que ela possuía na sua vida, que aceitou o espaço, que mudou suas opiniões e que viu até onde sua imaginação e força de vontade poderia levá-lo, tudo no seu instante e na sua etapa.

Entro no Google Meet e vejo vários alunos na sala, cada um é uma realidade, imersos em um mesmo universo e compartilhando o mesmo desejo: aprender. Mergulhar na história escolhida para o dia ou tentar entender o que ela significa para cada um de nós? Compartilhar conhecimento ou me limitar a apenas escutar? Eu escolho

ser como Fernão Capelo Gaivota, compartilhar o que eu sei e tentar sempre aprender. Coloco minha xícara na mesa e começo a escutar tantas coisas bonitas, tantos significados para uma só história, tantas verdades em palavras e até dores perceptíveis no desenrolar da leitura, pois como afirmara Drummond “a dor é inevitável, o sofrimento é opcional”.

O tempo vai passando e eu vou escutando, lendo e falando como aquela história me representou, entro em uma espiral entre aprender e compartilhar.

Infelizmente o momento do encontro acabou! Quanto conhecimento compartilhado, quanto sentimento descarregado!!

O Fim é uma palavra tão esquisita, tão cruel que não mede forças. Em algumas ocasiões, toma o contorno da tristeza, do luto, do choro, porém em outras vem com o sentido de recomeço, de ansiedade para uma nova leitura. Entender o fim, o momento de parar e não insistir é uma das maiores fases da maturidade. Mas esse fim é diferente, é um bom fim, pois agora eu sei que tudo que eu aprendi ficará comigo para sempre.

Pego meu café ... Está frio, assim como o clima lá fora. Mas eu te juro, aqui dentro está quentinho.

6. Geovanna da Silva Holanda

EEEP Balbina Viana Arrais

Algumas de minhas melhores memórias são meio confusas, como se tivesse vivido tanto o momento que esquecesse de guardá-lo para a posteridade, portanto, para alguns dos fatos narrados a seguir, não há tanta precisão. Em alguma manhã do meu primeiro ano do ensino médio, ao chegar na escola, fui instruída para ir ao auditório, onde alguns alunos iriam nos apresentar a um projeto. Reunindo toda minha coragem e meu sono, como todo adolescente que se preze, me encaminhei para lá e aguardei a apresentação, porém, o que eu não sabia era que muitos dos meus pensamentos e escolhas para o futuro iriam mudar a partir daquele dia, que ao aceitar o desafio de participar deste projeto, acima de tudo, eu iria descobrir coisas novas sobre mim mesma. Ao fim da apresentação, eu me sentia eufórica, ter um momento voltado apenas para a leitura, na escola, seria perfeito para a louca por livros que habita em mim.

O primeiro livro que li em conjunto se chamava *Fernão Capelo Gaivota*, e apesar do meu amor genuíno pelos livros, o título não me chamou muito a atenção, entretanto, eu havia aceitado o desafio e não iria me deixar desanimar logo no início. Meus multiplicadores, como se apresentaram, explicaram do que se tratava e então iniciamos a leitura de um livro que me deu mais do que apenas uma história ou palavras, me deu de presente um amigo e o mais incrível de tudo é que não era um novo amigo, mas na verdade um amigo que já existia em mim, porém, que estava adormecido. Meu amigo livro resolveu chamá-lo de voz cavernosa, mas para mim, a nomeei de Fernão, não podia deixar de homenageá-lo, não é mesmo? Ok, ok, você deve

estar se perguntando do que estou falando, bem, para isso tenho que voltar um pouco no tempo, bem antes da minha jornada com Fernão começar e assim sendo, desde já peço desculpas a você caro leitor, caso algumas dessas lembranças não fiquem tão claras.

Minha pequena jornada começa no jardim de infância, onde tive uma professora muito bacana, apaixonada pelo que fazia, amorosa, uma excelente profissional, mas claro que na época eu só pensava em como ela era legal e me deixava levar livros para casa, hoje eu sei que ela foi minha primeira “mestra”, foi ela que me inspirou a ter sonhos e me apaixonar pela leitura, e assim como todo bom aprendiz, eu colhi todos os seus ensinamentos. Como por osmose adquiri seu amor pela licenciatura e aos seis anos estava decidida que iria me tornar professora, me tornar uma líder, repassar tudo aquilo que iria aprender e para que tal coisa acontecesse, me esforcei muito ao longo da minha carreira como estudante. Contudo, ser uma jovem sonhadora em um mundo como o que vivemos não é tão fácil quanto os filmes fazem parecer e as dificuldades de carregar um sonho que parecia ser tão grande foi pesando ao longo do caminho e apenas essa minha força de vontade inicial não foi suficiente para carregá-lo sozinha.

Ao chegar no ensino médio, eu já não tinha mais tanta certeza sobre o que eu queria fazer para minha vida e coisas como estabilidade financeira, status e sucesso social eram fatores que haviam se tornado mais importantes, porque também era o que a maioria das pessoas me diziam. Aos poucos, depois de todas as reações que vi ao contar o meu grande sonho de vida, poucas delas positivas, fui deixando ele de lado e outras profissões mais valorizadas socialmente foram entrando em foco, fui me deixando ser levada pela maioria,

fui me misturando ao bando, deixando de ser a pária para fazer parte da multidão, era mais fácil e parecia ser o mais certo.

Ao ler a história de Fernão, mesmo que metaforicamente eu sabia como ele se sentia, e apesar da comparação não tão válida, eu não via tanto sentido naquilo que eu fazia se não fosse para algum dia repassar, ensinar outras pessoas, era isso que me motivava e ainda motiva. Ao longo das semanas de leitura do livro, eu tinha grandes momentos de reflexões sobre a pessoa que eu gostaria de me tornar, e na medida que a história de Fernão ia evoluindo, eu adquiria consciência de que apesar da falta de apoio da maioria, eu ainda poderia alcançar meus sonhos, que não fazia sentido abandonar quem eu era, quem sou. Me dei conta desse fato ao ler um trecho específico do livro, que novamente não irei lembrar em detalhes, o qual conta que Fernão caiu de uma grande altura durante um de seus treinos, ao recuperar os sentidos, Fernão quer desistir, deseja morrer ao fracassar e uma voz interior, que ele chama de “voz cavernosa”, o faz refletir se desistir realmente o fará feliz. Foi nesse dia específico, como em uma epifania, que Fernão, meu velho e ao mesmo tempo novo amigo, renovou as minhas forças, me deu coragem para enfrentar todos aqueles meus medos e inseguranças, me deu uma nova perspectiva sobre os obstáculos que eu tinha a enfrentar.

Provavelmente, o motivo pelo qual tenho tanto carinho pelas memórias dessa leitura é que eu compreendia o amor que Fernão tinha pelo conhecimento e por repassa-lo, entendia como os sonhos e aquilo que nascemos para ser, nossas vocações, é parte daquilo que somos. Ao fim daquele ano, ao saber que seria uma multiplicadora, que poderia ajudar outros jovens, assim como essa leitura havia me ajudado, foi uma das melhores notícias que recebi. Me recordo

que nas férias daquele ano, procurei o livro para lê-lo na íntegra e ao ler a dedicatória do autor – “Ao verdadeiro Fernão Capelo Gaivota que vive em todos nós”, naquele exato momento, me senti verdadeiramente grata ao meu Fernão por ter me guiado pela minha própria jornada de autodescoberta.

Assim como Fernão, tive vários mestres, perdi alguns ao longo do caminho, uns para sempre, outros como um até logo e reconheço como todos foram importantes na minha formação, assim como sei que ainda terei vários, que uma nova fase de aprendizado na minha jornada está apenas começando, entretanto, gosto de pensar que a leitura desse livro também foi uma espécie de “mestre” para mim. Uma das poucas lembranças que tenho claramente do meu caminho até agora, foi minha inscrição no vestibular, o momento de realmente colocar em prática aquele sonho que há tanto estava internalizado em mim, me recordo de lembrar de Fernão, na sensação que ele descreve ao voar e a liberdade da escolha, de escolher não abrir mão da vontade de aprender.

Para finalizar, caro leitor, aconselho que você também encontre seu próprio Fernão e assim com vários outros párias, possamos formar nosso próprio bando. Indico-lhe também a leitura desta obra e desejo que assim como a mim, ela possa lhe guiar pela sua própria pequena jornada, bem como também, lhe faça ter boas lembranças dessa leitura.

Tema 09:
Vocação para a arte

1. Darla Monique

EE Maria Aparecida de Castro Masiero

Inspiração: Alma Despejada

Me abraço na escrita
sempre escrevo porque não sei o que dizer
e por muitas vezes
escrevo, mas nem tenho o quê escrever...

porém de alguma forma ou de outra
sinto que preciso.

porque machuca;
porque sara;
porque arde;
porque alivia;
porque inunda como rio
e às vezes,
esse rio seca.

quando seca,
penetram gotas em meu corpo e queima.

queima meu rosto
queima minha pele
queima como se fosse a última chama depois de uma grande
explosão.

e eu me abraço
na escrita.

e feito anjo do fogo,
vô e me recupero das queimadas,
da cinza encontrada na chuva

logo após que a fauna e flora se separaram.

mas alguma coisa
sempre
me
acende

então eu me reinvento e escrevo.

e sempre que volto logo após de
guerras com lápis, caneta e papel

a borracha sempre sorri quando apaga alguma parte de mim.

e me torno a mesma

que erra;
que acerta;
que se alegra;
que chora;
reclama;
declama.

que é escrava
do que sente

e que sente muito,
muito mesmo.

nessas voltas de sentir muito
você bagunçou meu lar,
minha alma,

e desta vez

eu te despejo da minha casa,
na verdade, eu não queria;

eu queria mesmo é receber seu amor...
mas hoje me encontro de frente ao sol

me tornei “solzinha”

2. Laura da Silva Pereira

EE Alexandre Von Humboldt

Quando me atento e paro para pensar no poder de algumas coisas sobre minha alma, a primeira lembrança que se faz nítida e arrepia cada centímetro de cada pêlo presente no meu corpo é o teatro. Talvez porque eu acredite que em uma outra vida essa arte foi a razão da minha euforia, assim como é hoje. E que o brilho nos meus olhos quando vejo um palco prestes a se encher de luzes e atores pode ser comparado como paixão, ou até maior que isso, amor.

Recordo-me de em um conto de Guimarães Rosa ser destacado o imensurável poder artístico em uma mente. Logo, tornou-se minha leitura favorita do autor, a ponto de sentir a necessidade de reler algumas vezes na semana. Para alguns são os livros, para outros a música ou até pintura, mas para mim sempre foi e será o teatro. Existe algo sobre ele que há anos venho tentando verbalizar e explicar, mas não consigo. Simplesmente não sou capaz de fazê-lo.

As energias em cima de um palco, nas cadeiras da plateia, ou mesmo a fila lotada de uma bilheteria têm um efeito quase que alucinógeno para mim. Seguir com os olhos a enorme cortina vermelha se abrir e ouvir a voz do ator iniciando a peça agem como o pó de pirlimpimpim dentro de mim.

Por vezes me pego em outro plano reprisando cada cena que me fez arrepiar e chorar em um teatro. Foi em 2017 que esse amor tomou conta de cada pedacinho meu, quando fui assistir a um musical pela primeira vez. Ao toque da primeira música senti a maior e melhor vibração já existente, senti o sangue correr mais rápido em minhas veias e o brilho em meu olhar até pareceu fazer a vista para

o palco mais clara e nítida. Gosto até de brincar dizendo que meu olhar dentro de um teatro é mais brilhante que os holofotes de lá.

Desde então sigo refletindo e tentando entender melhor como é possível que a arte teatral libere mais serotonina, endorfina, ocitocina e dopamina em mim do que apaixonar-me por alguém. Esse tal quarteto da felicidade já me apareceu outras vezes, quando eu estava à beira da coxia, quase entrando no palco para dançar.

A única conclusão que consigo consolidar em mente é que para aqueles movidos pela arte, pelo amor e pela paixão de poder assumir diversas personalidades e, a partir disso, sentir cada emoção de forma diferente, todo e qualquer resquício, por mínimo que seja, fará lembrar e conseqüentemente emocionar o espírito artístico. Até meu último dia em uma plateia ou em um palco seguirei sendo hipnotizada e apaixonada pelo pó de pirlimpimpim. Meu pózinho de pirlimpimpim, o teatro.

Tema 10:
Criatividade

1. Ingrid Cosmo Lopes

EE Mário Kozel Filho

O homem que andava sempre de cabeça baixa e com muita atenção nos objetos que recolhia, na verdade parecia estar à procura de algo além do alcance material. Parecia, nem ele mesmo saber ao certo qual a finalidade de sua procura, mas estava tão focado nela, que sequer tinha tempo para apreciar a natureza, responder um bom dia, ou até mesmo perceber as pessoas ao seu redor - o que refletia à ele - pois sua imagem de homem focado, apagado meio ao dia-a-dia turbulento, fazia sua presença passar despercebida.

Na busca incansável por mais objetos, só evidenciava a sua solidão, sendo que sua felicidade momentânea estava justamente reportada a eles, numa tentativa de preencher o vazio que lhe consumia.

O mais interessante é que mesmo não tendo uma finalidade clara ao procurar por objetos, sua procura era incansável, não desistia, dia após dia lá estava ele com seus bolsos cheios e à procura de mais. Mesmo sem saber, estava prestes a encontrar, o que talvez inconscientemente, procurava desde o início.

Quando o homem à procura de uma chave bateu à sua porta, era nítido que sequer sabia como foi lembrado e observado, o que lhe gerou estranheza, pois até então era só mais um pelas ruas.

Todas as fases da história se encaixam muito bem, a ponto de nos levar a crer que, inconscientemente, o homem encontrou o que procurava, pois no momento em que ficou conhecido por todos, por recolher objetos perdidos e ter sua imagem solitária percebida, o que

no geral não acontecia, deixara a porta aberta, não mais fechada, ou entreaberta timidamente como antes.

O que facilitou a entrada da mulher, que muito parece ser a mesma que se fazia de cega com o pretexto de observar-lhe, pois naquele momento já deveria ter perdido o juízo e esperava o momento certo - quando o homem estivesse aberto para o mundo - para lhe pedir ajuda e foi o que fez.

Após ele ter sido visto por alguém e não somente ficar na posição de procurar, mas sim ser procurado, estava apto para receber um pedido de ajuda, daqueles!

A mulher com o juízo perdido e ele sem saber onde encontrá-lo para ajudá-la e mesmo assim foram à procura juntos, o que ele não estava acostumado.

Ela sem abaixar a cabeça, ao certo, para lhe direcionar novos caminhos e ele com a cabeça ainda baixa na procura do juízo perdido por ela, dispendendo sua confiança nela ao som do “taque-taque” do sapato dela, mesmo que por caminhos desconhecidos, ele continuou, o que demonstra mais uma vez um ato de persistência de sua parte.

O caminho era outro, os obstáculos, o cenário já não era mais o mesmo, se prendeu os detalhes da natureza, como se finalmente chegasse ao seu objetivo inconsciente.

Ao encontrar a primeira violeta da primavera se vê que sua alegria não mais era por encontrar objetos materiais perdidos e sim percebeu o significado do não palpável, de um sentimento que ele carregava consigo para finalmente endireitar o corpo e expressá-lo.

Assim, de muito procurar, ele descobriu o significado da procura nos detalhes, saiu da sua caverna e conseguiu expressar o que tanto procurava desde o início, mesmo que sem saber.

2. Pedro Emanuel Beserra Martins

EEEP Antonio Valmir

O sentimento mais peculiar da galáxia

Baseado em O Pequeno Príncipe

Às vezes me pego no mais profundo pensamento sobre o estranho sentimento que o mundo gosta de chamar de amor. Ele é simplesmente bizarro, e não, eu não falo no sentido de algo horrível ou macabro (em alguns até pode-se classificar dessa forma, porém, quando se estende para esse nível, para mim, o amor não se encontra mais no recinto), e sim, pela estranheza que ele nos causa. Acho que todos nós alguma vez em nossas vidas sentiram as benditas borboletas em nosso estômago, as mãos suadas, a taquicardia, a vontade de sorrir incontrolável e lá se vai uma lista quase que infinita de padrões que se afloram em nosso corpo por causa do amor. Bem, em todos esses anos de indústria vital (quem assistiu Pica-Pau vai entender a referência) eu já ouvi e vi ele de todas os prismas possíveis e com todos os significados possíveis, uns dizem que é um sentimento, outros que é um estado de espírito e até alguns que dizem que ele é um instrumento da indústria capitalista do chocolate que criou essa mentira para enriquecer mais e mais. Brincadeiras à parte, na humilde opinião desse projeto de escritor, o amor nada mais é que a jornada mais maluca que pode acontecer na sua vida. De verdade, digno das odisséias gregas. Oh! Por amor, seu humilde escritor já correu, pulou e até fugiu. E cara, valeu a pena sentir aqueles dois lábios que se juntaram como dois rios sem direção, é, eu sei, uma

completa loucura, certo? Porém, não se engane, assim como qualquer coisa em nossa vida, o amor, tem efeitos colaterais. Imagine ele como uma rosa com espinhos. Por mais cuidadosos e incríveis jardineiros que nós pudermos ser, em alguma hora vamos nos cortar, pois não se trata de experiência. Esse é o grande paradoxo desse sentimento. Como algo tão profundo pode ser tão dolorido? Bem, de dor, eu consigo entender muito bem, pois além de um garoto apaixonado por uma rosa, sou vascaíno roxo, então... é realmente uma vida dolorida.

Enquanto escrevo isso entro e saio de diversos suspiros de um sentimento que parece se confundir em meio a um mundo de sonhos e uma realidade que a cada dia, mês e ano se torna cada vez mais cruel e insensível com os sentimentos sinceros limitando-os a suspiros e mais suspiros. Mas eu, o seu escritor e mais a infinidade de outros apaixonados por rosas lhe pede com grande veemência que da próxima vez que vir sua rosa, girassol, lírio ou margarida, se lembre de cada pequeno momento que vocês viveram, seja de forma fraterna ou romântico. E ah! A compre um espiga de milho-cozido (isso é opcional tá?). Brincadeiras à parte, lembrem-se de cada singelo momento que tiveram, pois, o essencial sempre será invisível aos olhos. Sempre lembre dessa frase, pois ela se estende aos mais diversos sentidos possíveis. O sorriso, o cheiro, a presença, o sentimento verdadeiro, tudo isso que é o verdadeiro essencial para a nossa longa e misteriosa jornada de amor pela nossa extensa galáxia. Sendo esses detalhes e subjetividades que tornam o amor, o sentimento mais peculiar que já passou pela nossa galáxia é algo que mudou a vida desse projeto de escritor.”

3. Maria Eduarda Rodrigues Marques
EE Professora Irene Branco da Silva

**O cérebro do Espantalho e
o coração do Lenhador de Lata**

**ENTREVISTA CEDIDA AO JORNAL TELEVISIVO
DE OZ**

Entrevistador: Boa noite! Hoje, em nosso telejornal, entrevistaremos dois personagens muito queridos do público e que passaram, recentemente, por uma grande aventura: o Espantalho e o Lenhador de Lata. Após a partida de Dorothy, os habitantes de Oz se interessaram pelo que havia acontecido por ali; por isso, recebemos nossos convidados especiais, a fim de entender um pouco melhor a sua história. Senhor Espantalho, por que você acompanhou Dorothy em sua jornada?

Espantalho: Por que eu queria ter um cérebro e Dorothy disse que o Mágico poderia me dar um.

Entrevistador: Por que o senhor queria um cérebro?

Espantalho: Eu me sentia um fracassado por não ter um. Eu queria ser inteligente, queria poder pensar. Eu achava que se eu tivesse um cérebro, seria mais feliz.

Entrevistador: E o Mágico deu o que o senhor queria?

Espantalho: O Mágico me fez perceber que, muitas vezes, o que nós mais queremos está bem debaixo de nosso nariz; porém, nós acabamos não percebendo, apenas por estarmos concentrados em coisas fúteis.

Entrevistador: Obrigado, senhor Espantalho. Seguiremos com o próximo entrevistado. Senhor Lenhador de Lata, por que você acompanhou Dorothy e o Espantalho nessa jornada?

Lenhador de Lata: Por que eu queria um coração e Dorothy disse que o Mágico poderia me dar um.

Entrevistador: Por que o senhor queria um coração?

Lenhador de Lata: Eu ficava imaginando que, se eu tivesse um coração, poderia até ser humano. Eu veria a beleza nem que fosse na tristeza, se eu tivesse um coração.

Entrevistador: E o Mágico lhe deu um coração?

Lenhador de Lata: O Mágico me deu, sim, algo material. Mas ele também me fez ver que ter um coração é muito mais que senti-lo bater... É amar, é chorar, é sorrir, é sentir o que acontece em sua volta, e isso eu já tinha.

Entrevistador: Caros telespectadores, nossa breve entrevista com esses carismáticos personagens termina aqui. Entretanto, antes de dormir reflitam um pouco e respondam pela hashtag #JTOz. O que

é mais importante para vocês? Ter um cérebro ou um coração? Partici-
pem! Boa noite e até amanhã.

4. Lana Catarina Alves da Cruz **EE Deputado Manoel de Nóbrega**

Princesa Sofia

Hoje vou contar a história de uma princesa, que era super mimada pelos pais e não tinha noção de como realmente era a vida fora do seu castelo, essa história é da Princesa Sofia.

Sofia era uma princesa muito curiosa, ela sonhava em conhecer a vida fora do castelo, já que seus pais eram superprotetores e não deixavam a menina sair. Até que um dia, Sofia resolve fugir na calada da noite e conhecer mundo afora.

No amanhecer seus pais surtaram e obrigaram todos os soldados a ir à procura de Sofia, que naquele momento já estava muito distante do castelo.

Ela chegou em uma vila muito simples, resolveu pedir um copo de água a uma mulher, esta moça negou o copo d'água à Sofia. Como estava com muita sede, resolveu ir em outra casa, onde foi muito bem recebida por uma senhora, que lhe deu a água, ofereceu-lhe um suco e um bolo que acabara de sair do forno, ela aceitou.

Acabando de comer, Sofia agradeceu e disse que precisava ir, pois sua viagem seria muito longa. Então a senhora muito sábia lhe perguntou:

- Por que estás a fugir de seus pais? Eles a sufocam?

Sofia assustada pergunta:

-Como a senhora descobriu?

A senhora então disse a ela que havia feito a mesma coisa quando era nova, por esse motivo ela descobriu.

A senhora convida Sofia para dormir aquela noite ali, pois a noite era muito escura e perigosa. Ela aceitou e no amanhecer continuaria a sua viagem.

Pela manhã Sofia fez questão de fazer seu próprio café, porém, não sabia fazer e acabou sujando tudo, tentou limpar, piorou as coisas. A senhora ao ver toda aquela sujeira e a menina em desespero, se ofereceu a ensinar Sofia a sobreviver, ela aceitou e ficou muito contente.

Passaram-se dias até que Sofia então resolve ir à procura de novos lugares, experiências novas, novas alturas e muito mais. Agradecida pelos ensinamentos da senhora, começa uma nova jornada.

E assim foi a jornada da princesa Sofia que saiu por aí em busca de novas aventuras e conhecimentos.

Tema 11:
O Conto da Ilha Desconhecida
e a busca pelo autoconhecimento

1. Odete Vitória Sabino Ferreira
EEEP Maria Cavalcante Costa

A procura do autoconhecimento

A ilha desconhecida e a busca por ela são uma metáfora que o autor usa para evidenciar que o protagonista busca por uma melhor versão de si mesmo.

Assim, evidentemente no início do livro o homem apresenta características de sua melhor versão sendo elas persistência e autoconfiança pois ele busca seu desenvolvimento pessoal. Justamente essas características incentivam a mulher da faxina a criar pensamentos que por fim se tornaram concreta “decisão”, fazendo alusão a nossa realidade em que pessoas inspiram outras, como ele a inspirou a sair de sua zona de conforto que era a limpeza do palácio, para limpar barcos embarcando na aventura do autoconhecimento.

A mulher torna-se essencial na jornada e para o homem pois incentiva-o em momentos difíceis em que ele pensava em desistir já que não tinha se apresentado às pessoas para compor a tripulação.

Ao fim do livro, a frase “a ilha fez-se enfim ao mar; em busca de si mesma” termina o livro com perfeição, pois somos ilhas que devem ser descobertas, e o explorador deve ser nós mesmos, tratando de nos encontrar em meio ao mar extenso mas não infinito que é a vida, trate de navegar por si mesmo e confronte o rei que é a parte de si conformada com o que a vida lhe deu e confinado em sua própria visão desta mesma ilha.

2. Rita de Cássia

EEEP Maria Cavalcante Costa

A ilha desconhecida somos nós mesmos. Precisamos sair da ilha para vê-la e precisamos sair de nós, da nossa zona de conforto, para descobrirmos quem realmente somos. Precisamos enfrentar nossos medos para nos tornarmos mais fortes. A busca do impossível nem sempre pode ser conseguida individualmente, precisamos de suporte de pessoas semelhantes a nós. A esperança é algo indispensável na busca de seus sonhos, pois quando tudo parecer difícil temos que prosseguir e não medir as dificuldades. O lançar-se no mar para navegar é o avançar para um objeto de desejo e realização, às vezes próximo, contudo, não enxergado, não percebido pela nossa própria incapacidade pessoal de objetividade e percepção do desconhecido. Nós, em alguns momentos de nossas vidas, queremos estar longe de nós mesmos para, então, enxergarmos nossa natureza.

Se arriscar é uma tarefa que temos que praticar cada vez mais, procurar o novo e evoluir. Deixar de lado o que é contínuo, uma rotina. Permitir-se fazer coisas novas é essencial para a nossa evolução, só assim percebemos que nós mesmos é que medimos o nosso limite e que qualquer pessoa pode ir e chegar onde quiser. Ninguém é menos que ninguém. Há sempre uma igualdade com todos, afinal, todos nutrimos sonhos que por vezes consideramos impossíveis. Sabemos que não somos personagens que vivem scripts, que temos nosso papel e que podemos e devemos assumir o controle da nossa embarcação, da nossa vida, da nossa ilha desconhecida. Que só conhecendo a ilha, conhecendo a nós mesmos, conseguimos esse protagonismo. Entendemos que podemos e devemos tomar o

controle da embarcação e que, se errarmos o rumo, nós mesmos que acharemos o destino final, se não conseguirmos manter o barco firme durante as incontáveis e imprevisíveis tempestades, somos nós que sofreremos as consequências e teremos que lidar com elas. Não é o rei. Não é o reino. Somos nós. Sou eu. É você.

3. Anne Carolline Lima Sousa EEM José Ferreira Barbosa

Lembranças da Leitura

O Círculos de Leitura de imediato me chamou a atenção, pois, sempre fui fascinada por literatura, com passar do tempo li os mais diversos livros que possuem características únicas, tramas intrigantes, com versos apaixonantes e seus personagens complexos que com desenrolar da história se tornam nossos entes queridos e nos emocionam com suas partidas, porém, já tive o descontentamento de ler obras entediantes, de narrativa preguiçosa e fúteis. Isso faz parte da experiência de ser um leitor e creio que me fez bem de certa forma. Contudo, fiquei encantada com o projeto, vi uma grande oportunidade de compartilhar o meu amor pela leitura com quem está envolvido e melhor ainda, fazer com que outras pessoas adquiram o gosto de ler. O hábito de ler tem seus benefícios como, melhorar nosso vocabulário, estimular o processo cognitivo e criatividade, reduz o estresse e nos acrescenta conhecimento. Eu, por exemplo, sou uma caloura na escola José Ferreira Barbosa e me sentia deslocada, porém, com ajuda dos saraus realizados encontrei o meu lugar, me sinto bem comigo mesma e pretendo continuar assim.

Ao decorrer do ano li um número razoável de obras literárias graças ao projeto que nos possibilita desfrutar de trabalhos maravilhosos dos mais distintos escritores. Todavia, o que mais me chamou a atenção foi *O Conto Da Ilha Desconhecida* de José Saramago, que narra a história de um homem que sonha navegar até uma ínsula que ninguém jamais viu ou sequer sabe da sua existência, entretanto,

o protagonista se aventura e persiste com sua determinação e fé e segue seu caminho em busca do autoconhecimento e amor-próprio. Simpatizei por completo quando o li, sua trama é envolvente, as emoções que o autor transmite para leitor é surreal e por um minuto me esqueci de absolutamente tudo, do mundo em que habito e me teletransportei para aquele barco em alto mar, quando me peguei a pensar, já estava no último parágrafo.

Um conto tão simples e necessário para maioria dos jovens, que estão entre a infância e vida adulta, ou seja, a adolescência, fase que descobrimos nossa essência e quem somos, a dificuldade em encontrar o nosso lugar no meio de uma sociedade tão perversa e imprevisível. Não é apenas uma obra fictícia, mas sim um dos motivos pelo qual existe o Círculos de Leitura e sua proposta de propagar conhecimento e mostrar a importância da interpretação, pois, ela é crucial para a formação do cidadão independente, engenhoso, justo e cordial. Ser denominada como multiplicadora é uma honra, e com certeza mudou a minha vida, a perspectiva sobre o mundo e as pessoas. Agora entendo o que é de fato empatia e me reinventei em meio ao caos, porque livros salvam os que escrevem e os que lêem.

4. Daniel dos Santos Silva
EE Mário Kozel Filho

**A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar,
à procura de si mesma**

Encontros dos Círculos de Leitura são encontros de aprendizados e descobrimentos, além do fator místico onde em cada discussão, livro ou conto apresentado e discutido, há traços do cotidiano, da vida pessoal e de nós.

São exercícios de autorreflexão a partir da história de outros, atrelando e entendendo a história do eu.

Escrevo, portanto, sobre o livro *O Conto da Ilha Desconhecida* de José Saramago, com a história de um homem que decide ir à procura de uma ilha desconhecida, e para isso, na porta das petições, pede ao rei um barco.

O homem que pede o barco está certo de seu propósito, e não sairá da porta das petições até que o rei o atenda pessoalmente.

Percebemos uma pessoa que se coloca firmemente à procura de algo, e que se questionado, não tarda em responder com firmeza sem desmotivar-se pelos empecilhos colocados sobre a inexistência de ilhas desconhecidas.

Outro ponto relevante é que, mesmo o homem pedindo um bem material, ele tem ciência de que este serve apenas como instrumento ao seu propósito, trazendo reflexões sobre a forma como nos relacionamos com bens materiais e como esse relacionamento interfere em nossa formação pessoal. Isso é evidente quando o rei, querendo demonstrar poder, diz que todos os barcos do reino são

seus e o homem responde que mais pertence o rei aos barcos do que os barcos ao rei, e que este sem eles é nada, mesmo que eles, sem o rei poderão sempre navegar.

Ou em outro trecho do livro, quando o homem em uma conversa com a mulher da limpeza refere-se ao barco como sendo dela, afirmando que gostar é provavelmente a melhor maneira de ter.

Outro ponto sempre discutido e que reafirmado diariamente, seria o se colocar à procura de algo, focado e com propósito, pois contagia as pessoas ao redor. O homem nem sonha que, não tendo ainda sequer começado a recrutar os tripulantes, já leva atrás de si a futura encarregada das baldeações e outros anseios.

Sem que percebamos, pessoas ao nosso redor tomam decisões inspiradas nas nossas ações, tornando-se aliados ou parceiros de missões ou projetos. Um exemplo na história está ao lermos que, além dos pedintes na fila, algumas mulheres da janela se movimentam em favor do homem gritando ao rei que lhe dê o barco e quando a mulher da limpeza é chamada no castelo, mas a mesma já saiu com o balde e a vassoura pela porta das decisões, que é raro ser usada, mas quando o é, é.

Claro que nem todos se contagiaram, e um deles é o Capitão, que fica encarregado de entregar o barco dado ao homem. Ele insiste que já não há mais ilhas desconhecidas, ao que o homem responde ser estranho ele dizer que já não há ilhas desconhecidas, pois, mesmo sendo homem da terra não ignora que todas as ilhas são desconhecidas enquanto não desembarcarmos nelas.

Cada personagem na história se apresenta como pessoas que encontramos ou encontraremos na vida, além de ensinar como se colocar à procura.

Não basta apenas estar a procurar, sem preparo para o desconhecido, e isso se torna evidente quando a mulher da limpeza ao conhecer o barco diz que um barco que vai procurar a ilha desconhecida não pode ter um aspecto, como se fosse um galinheiro, ou refletindo sobre o estado psíquico da procura, ao não encontrar pólvora disponível, que não há nenhuma lei dizendo que ir em busca duma ilha desconhecida tenha de ser uma empresa de guerra.

Reafirmando a necessidade de procura por ilhas desconhecidas, o homem e a mulher discutem sobre encontrar a ilha desconhecida para saber quem ele será quando nela estiver interligando com a ideia de que nenhum homem é uma ilha e é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não vemos senão sairmos de nós.

Tema 12:
O livro como herança

1. Thiago da Silva de Sousa
EEEP Monsenhor Odorico

O sonho de Théo

Hoje falarei de um certo garoto chamado Théo. Ele morava no interior da cidade de Tauá, tinha apenas 11 anos de idade. Morava somente com seu pai, sua mãe já era falecida há 5 anos. Diariamente ele andava pelos campos da fazenda, onde seu pai trabalhava. Certo dia, acompanhado de seu cachorro de estimação, chamado Bob, enquanto caminhavam perceberam algo se mexendo nos arbustos, curiosamente viram que se tratava de um livro rasgado. Théo ficou entusiasmado por encontrar um livro na floresta, decidiu levá-lo para sua casa. Se passaram alguns dias, o aniversário de Théo se aproximava, seu pai percebendo que aniversário de seu filho estava chegando, resolveu perguntá-lo o que ele queria de presente. O menino com alegria disse:

- Pai Eu quero apenas um livro.

Seu pai sem entender disse:

- Tudo bem.

No dia do seu aniversário, ele esperava ansiosamente a chegada do pai da cidade, pois havia viajado. Antes de retornar a Tauá, o pai de Théo passando em frente uma Loja, viu o Senhor Ricardo Vale, dono de uma biblioteca, falando em voz alta:

- Olá senhores e Senhoras de todo o Brasil, é com muita alegria e satisfação que vos faço a seguinte promoção. Estou precisando de um jovem para conhecer a minha biblioteca, os interessados podem realizar o cadastro pelo site "<https://www.Alfacomvoce.com.br>",

as inscrições serão somente hoje, e estarão disponíveis durante todo o dia, boa sorte a todos.

O pai de Théo ficou muito animado com a notícia e esperançoso, viu essa proposta como uma grande oportunidade de seu filho realizar seu sonho, o de mostrar a importância da leitura para sua comunidade, algo que em outro momento havia relatado. O Pai de Théo se dirige a uma lan house, preenche todos os dados e aguarda ansiosamente que o seu filho seja selecionado a uma vaga. Chegando em casa, mesmo com todas as dificuldades financeiras, ele consegue comprar um livro, na verdade não se tratava de um livro comum, era um dicionário Aurélio. Seu pai lhe deu um dicionário para que ele pudesse aprender novas palavras, melhorar a sua forma de se comunicar, conseguisse interpretar vários textos de linguagens complicadas. Finalmente chegou o dia do resultado da seleção, o dia definido para quem iria conhecer a grande Biblioteca Alfa. O pai de Theo, muito preocupado com as tarefas de casa, como por exemplo cuidar dos animais, e da roça, esqueceu de verificar o resultado. E por incrível que pareça o jovem sorteado, foi Théo, com direito a viagem e passeio gratuitamente. A notícia chegou ao pai de Théo, ele muito feliz, diz ao seu filho:

- Théo não sabia o que fazer com uma notícia tão especial e não lembrei de conferir o resultado, era uma surpresa que tinha para você.

No outro dia Théo e seu pai viajaram para São Paulo. Três dias se passaram, finalmente chegaram à Capital. Théo foi recebido com uma apresentação de teatro e com uma citação de poesia. O garoto estava muito feliz, de repente chega o dono da Biblioteca “Ricardo Vale”, e diz:

- Você é o jovem premiado?

O garoto responde:

- Sim senhor, prazer em conhecê-lo.

Ricardo Vale mal respondeu o menino. Théo então falou:

- O senhor está bem?

- Que ousadia é essa, respondeu Ricardo

- Desculpa senhor, só queria ajudar.

Ricardo percebe algo diferente nesse garoto, e pede para ter uma conversa particular com ele. Durante a conversa, Ricardo se abre para o garoto e diz:

- Caro jovem, tive 5 filhos, nenhum está atualmente comigo. Dois estão nos EUA, outro está preso, outro é médico, e o último morreu em um acidente. Tenho essa grande biblioteca, é nenhum quer continuar meu legado. Estou muito doente e preciso de alguém que possua responsabilidade para cuidar dessa biblioteca. Aqui entram os pensamentos mais lindos e sai as mais belas reflexões da vida.

O garoto diz:

- A beleza da leitura não é o saber ler, mas sim, o saber interpretar. Assim como a escritora Simone Helen diz: “A leitura é as asas da imaginação, ler é voar por caminhos infinitos”. Senhor Ricardo a vida é feita de escolhas, alguns querem correr atrás dos seus sonhos, outros então seguem como diz o ditado “deixe a vida me levar”. Sabe, sou pobre, mas não me envergonho. Só tenho dois livros, mas não reclamo disso. Na vida tenho apenas meu pai, mas não o deixo por nada. A Vida é passageira e rápida, acredito que o papel dos livros não é ficar em prateleiras, e sim, devem ficar nas mãos das pessoas. Saber ler é uma virtude, saber interpretar é um privilégio. Que

eu possa fazer com que as pessoas possam ler mais, ser mais felizes através das leituras. Leitura é vida, leitura é a fonte de pensamento e sabedoria. O Mundo precisa da leitura.

Ricardo ficou tão emocionado com o discurso de Théo, que fez uma proposta:

- Garoto, você aceita a partir de agora ser o dono dessa biblioteca?

Théo não estava acreditando naquele convite. Ele pensou e disse:

- Como eu vou contribuir sendo que sou muito novo?

- Eu serei seu ajudante, enquanto eu viver estarei com você.

Quero ver você compartilhar, distribuir conhecimentos e leitura por todos o planeta terra.

- Aceito seu convite, senhor Ricardo.

Anos se passaram, Théo não era rico. Continuava pobre, mas pobre financeiramente e não de conhecimento. Ele não queria luxo, o sonho dele estava se realizando, fazer o mundo todo amar a leitura.

Faça como Théo, se você é amante da leitura, incentive as pessoas ao seu redor a ler, porque feliz é o homem que faz uma leitura. Ler não é só um prazer, ler é viajar no mundo mais diverso que existe. É imaginar, é contribuir com a escrita, com a interpretação, e o mais importante, contribuir para desenvolvimento intelectual. Que a leitura venha diariamente fazer parte da vida dos brasileiros. A leitura transmite um dos maiores conhecimentos já vistos na humanidade. Permite a transmissão de conhecimentos ou saberes por gerações. Além de tornar a vida mais saudável e até prevenir doenças. Viva a leitura!

2. Raiane Costa Pereira

EEEP Doutor José Alves da Silveira

Sobrevoando como uma gaivota

Aos 18 anos, ao fim do ensino médio, eu me despedia do Círculos de Leitura. Mas, o que eu não imaginava naquele momento, envolvida em abraços e saudades já esperadas, é que iria vivê-lo profundamente, nos próximos anos da minha vida e trajetória. A verdade é que em cada traço da minha história pós Projeto, tem um pouquinho dos personagens lidos e histórias vividas e debatidas em conjunto. Mas hoje, sobretudo, irei relatar sobre o grande impacto da obra *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach.

É infinitamente complexo tentar resumir a obra em duas palavras: amor e bondade. Penso que, o escritor em seu momento de inspiração e escrita, há muitos anos, sabia da influência da gaivota Jonathan para o leitor, mas em nenhum momento, imaginou que o comportamento da gaivota, do bando, dos líderes, do mar e até mesmo do céu, poderiam em conjunto traduzir de forma literária acontecimentos contemporâneos de jovens de diferentes classes, culturas, preferências, etnias.

Posto isto, inicio minha carta aberta, ao próprio personagem fictício Jonathan. Primeiro, dizendo-lhe o quanto sou agradecida por ter me ensinado que voar, embora amplamente mais difícil, a médio e longo prazo é o que nos dá a vista mais satisfatória, mais alta, mais segura. Foi assim, que lancei meu primeiro voo. Naquele avião em janeiro de 2017, indo em busca do que eu acreditava e sentia que era o melhor para mim e principalmente para a minha família –

meu bando. Era uma sensação de medo, mas quase não comparado ao tamanho do sentimento de início de uma nova e bela jornada, deixando pra trás pessoas com as quais pude aprender muito sobre a vida, mas que a caixa da rotina conseguiu, sem ser notada, ser mais pesada. Embora fosse caixa, não tanto fechada, mas sempre caixa. E eu, queria abri-la e ver o que tinha por fora.

No momento do primeiro voo, eu pensei em Jonathan, era manhã, olhando as nuvens pela janela, me imaginei gaivota. Sobrevoando meus sonhos, e carregando neles, a responsabilidade de fazer de cada um, resultados positivos não só para mim, mas para quem pudesse tropeçar sobre meu caminho. A vida em bando, definitivamente, nos edifica pela troca e coragem de sermos únicos em um conjunto de seres (gaivotas) diferentes.

Segundo, gaivota Jonathan, eu te falo que o mar pode ser realmente muito perigoso e que precisei me molhar muitas vezes para continuar batendo minhas asas e tentando de novo, de novo e de novo. Molhar as minhas asas, foi frustrante. Cada gotícula que encostava, deixava a sua marca e a asa mais pesada. Como foi difícil, eu mesma achei que não ia conseguir. E de novo, cancelando um projeto antes muito sonhado, lembrei novamente de você. Observei-me, de novo como uma gaivota, que precisava acreditar e reinventar novas formas de voar e principalmente mostrar para as outras gaivotas que passavam por mim, que era possível se refazer, se costurar, pegar um ar e tentar de novo.

A caixa, do lado de fora, não era toda florida. Não tinha uma cor vibrante, não tinha laço, não tinha nome. E foi pensando nisso, que eu, chegando aos 20 anos, compreendi que do lado de fora não tinha nada, porque quem precisava florir, pintar, enfeitar, era eu. E

foi assim, que de novo gaivota Jonathan, eu decidi perseverar em minha própria liberdade, e mais do que isso, um dia voltar para aqueles que tanto me ensinaram para dizer para todos, o quanto o mundo pode ser extremamente ilimitado, e cheio de infinitas possibilidades. Eu, gaivota, aprendendo a voar, a me molhar no mar, me refazer e agora perseverar para um dia reencontrar aqueles que talvez até mesmo acharam um desvairo eu rasgar a caixa.

Terceiro, bati tanto as minhas asas que encontrei um céu limpo, com gaivotas que batiam ao mesmo ritmo, que acreditavam da mesma forma, que me reconheceram como sendo do seu bando. Me encontrei. Provei do meu próprio esforço, minhas asas já secas podiam lançar voos cada vez mais altos, seguros e confiáveis. Depois de tanto tempo, eu pude dizer que consegui. Que era possível co-criar desejos que antes só existiam no meu imaginário.

Foi nesse lugar, Jonathan, que o líder veio até a mim e disse que eu precisava seguir voando, mas dessa vez, demonstrando para todos que ficaram dentro da caixa como era possível tudo que eu estava fazendo. De fato, os mistérios da vida, fictícia ou real, existem para que a gente possa parar um momento e pensar em como foi possível, em qual momento nos tornamos aptos para as grandes realizações, depois de muitos pesares, e choros e lamentações. Me sentia viva, uma gaivota plena, cicatrizada e principalmente muito feliz de ter compreendido tudo que acontecia em minha volta.

E quando houve de fato o retorno, era nítido aquilo que aconteceu na obra com você. Lideramos não porque temos maiores capacidades, mas porque tivemos a coragem de acreditar e seguir firme com os nossos sonhos. Liderei pelo exemplo, sem pretensão, sem saber o que cada etapa até o voo final poderia me proporcionar.

Algumas gaivotas foram chegando aos pouquinhos, afinal, eu mesma já tinha experimentado da dor que é olhar em volta da caixa e ver que ela não tinha nada demais, além de infinitas possibilidades que você mesma pode desenhar e contornar.

Hoje, Jonathan, te reencontrar é ler de forma esporádica a obra em que você foi inserido. É ouvir por plataformas diversas a narração de sua história e perceber o quanto ela pode ser parecida e inspiradora para os meus dias, para os dias de todas as gaivotas que decidiram optar pelo caminho mais difícil e infinitamente mais agradável pelos frutos gerados. Obrigada, gaivota, por me fazer compreender que um dia nossas asas vão ficar mais fracas, e que de tudo vale a pena se tivermos em um ímpeto de segundo, deixado um legado de que é possível viver conforme nossos princípios, vontades, determinação e, sobretudo, liberdade. A liberdade de voar é a liberdade de viver.

3. **Maria Aparecida Freire Batista** **EE Maria Daurea Lopes**

O poder de um livro

A leitura é algo surpreendente, não acha? Como pode um livro nos fazer navegar nos mares do conhecimento, voar com as asas da imaginação, visitar tantos lugares sem ao menos tirar os pés do chão? Ademais, repassar grandes ensinamentos que pessoa alguma ensinaria? Pois é! Mas, tudo isso é possível ao ler um livro. Se não acredita, pegue um e verá.

Lembro-me de uma obra a qual li no Ensino Médio de nome *Fernão Capelo Gaiivota*, de Richard Bach. Desde o início da leitura, a ave me marcou fortemente, sendo um exemplo de vida a seguir. A seguinte frase nunca saiu da minha mente: “Não creia no que seus olhos lhe dizem. Tudo o que mostram é limitação. Olhe com o entendimento”; esse trecho era e ainda é minha lição de vida. Sempre me recordava de Fernão a fim de, tal como ele, ultrapassar a barreira de limitação.

Após terminar o ensino regular, não consegui entrar em nenhuma faculdade e várias pessoas me diziam que eu não subiria na vida. E de nada ajudava o fato de meu sonho ser tornar-me médica. Muitos jogavam na minha cara dizendo eu ser a escória de meus pais, que eu não teria capacidade para sequer entrar na universidade, muito menos formar-me. Diziam para me conformar, nunca iria realizar tal sonho, era melhor aceitar viver na mesmice. Dessa forma, assim como Fernão, fui julgada e humilhada. Escutava bastante:

“Um absurdo! Uma garota pobre como você quer ser uma médica! Você não é capaz! ”...

Fernão Capelo Gaivota jamais desistiu. Para ele não existia limites para realizar os sonhos. Batalhou mais e mais, sem passar por cima de ninguém, conseguiu por seu mérito e esforço. Buscando sempre melhorar e ajudar os outros. E com ele aprendi a de modo algum abandonar o que eu tanto almejo na vida, independentemente de as pessoas acreditarem ou não em mim. Hoje, estou cursando Medicina e não é fácil, contudo, igualmente à gaivota, de maneira nenhuma irei me render. Isso compreendi com a leitura de *Fernão Capelo Gaivota*.

Agora termino o meu texto como iniciei, reafirmando como é incrível o que um livro pode nos ensinar! Experiência melhor não há. Um livro é um novo mundo, onde tudo é possível e muito mais. Se não acredita, pegue um e verá.

4. João Pedro Tic

Major Arcy

Como os livros mudaram minha minha vida

Não sei ao certo quantos anos eu tinha, mas sei que ainda era bem pequeno quando tive o meu primeiro contato com um livro. Lembro-me da alegria em ter em mãos um livro: *Extraordinário* de R. J. Palácio. Recordo-me de sua capa extraordinária que levava a frase: "nunca julgue um livro pela capa". Isso me fascinara tanto que não me contive e desbravei todas aquelas páginas que contavam a emocionante e inspiradora história de Auggie Pullman. Assim, foi-se formando em mim o gosto por ler, é como dizem: "o nosso primeiro livro a gente nunca esquece".

Passaram-se os anos e continuei desbravando os mundos dos sonhos que os livros nos transportam. Até que em certo momento, acabei me deparando com o programa Círculos de Leitura na escola em que estudava e me surpreendi com a proposta de leitura em grupos, pois só conhecia a leitura solitária.

Foi então que li meu primeiro livro em grupo: *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach e a experiência foi sensacional, pois se o ato de ler era solitário, compartilhar a leitura foi um prazer que nos uniu. A história de Fernão trouxe à tona diversas trocas de ideias e acabei aprendendo muito sobre vários aspectos da vida, como que escolhemos o nosso próximo mundo através daquilo que aprendemos neste, ou seja, não aprender nada significa que o próximo mundo será igual a este, com as mesmas limitações a vencer.

Logo após, lemos *A Comédia Humana*, de William Saroyan que, à primeira vista, poderia ser sobre a desgraça humana, mas embora o pano de fundo seja a guerra (o que há de pior no homem), o livro relata justamente o oposto. Ele mostra pessoas (como a família Macauley) que conseguem sobrepor a maldade com o amor. Acho que o livro tem esse nome porque William é tão otimista que não poderia nomear um livro seu, como *A desgraça humana*.

Por fim, chegamos ao clássico *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry e nele houveram diversas lições de vida, mesmo sendo considerado como uma literatura infantil. Com seu alto teor poético e filosófico, nós discutimos sobre a perda da inocência e fantasia ao longo dos anos, pois as pessoas abandonam a infância a medida que vão crescendo, por conta disso, concluímos que o livro passa a ideia do resgate da criança interior que existe em cada um de nós.

Quando passei a frequentar a Casinha mais vezes, obtive experiências incríveis, como as tragédias de Shakespeare: *Rei Lear*, *Hamlet* e *Macbeth*. Posso dizer que abriu a minha mente sobre a vida e acabei levando como ensinamento que chorar sobre as desgraças passadas é a maneira mais segura de atrair outras. Já nos colóquios, acabei me deparando com a obra de Yascha Mounk: *O Povo Contra A Democracia*, que me habituou a questionar a política e economia do país, assim me tornando um cidadão muito mais consciente e engajado a mudar a sociedade em que vivemos.

Concluo que sem a experiência dos Círculos e dos livros que li até o momento, eu não seria quem sou, pois, os livros que lemos e gostamos, mostram quem somos.

5. Esterfany do Nascimento Albino

EEEP Lysia Pimentel

Com meus 13/14 anos conheci o mundo dos livros e, é estranho parar para pensar agora, em como passei tantos anos sem beber dessa fonte de conhecimento e fantasias. Hoje eu entendo como os livros têm um poder que nada mais tem. O Círculos de Leitura foi um projeto que eu conheci somente no ensino médio e, pensando agora: quem dera eu o tivesse conhecido mais cedo. As experiências que adquiri naquele círculo ninguém conseguirá arrancá-las de mim.

Um dos livros que conseguimos concluir no ano passado - antes que a pandemia nos envolvesse - foi *O Pequeno Príncipe*. Como um livro tão pequeno e curto consegue nos envolver de tal forma e nos ensinar tanto? Não sei, ainda me pergunto também. Foram muitos ensinamentos em pouquíssimas páginas, um livro gostoso de se ler e totalmente reflexivo. O Círculos de Leitura ter trazido essa obra maravilhosa para ser trabalhada em nossa escola foi muito importante, pois trouxe aos alunos - que não gostam muito de ler -, inúmeras reflexões importantes pra vida. É isso que torna o Círculos um programa incrível: o fato de que não é um simples conteúdo para provas ou vestibulares ao qual nos preparam desde o ensino fundamental, mas sim um momento que aprendemos para a vida.

Aprendi com este livro que devemos cativar as pessoas e que o resultado de cativar e ser cativado, é a ansiedade e felicidade quando a pessoa amada vai visitar-lhe. Muitos personagens apresentados neste livro parecem com personalidades das pessoas reais: um bêbado que bebe para esquecer que bebe; um homem de negócios ganancioso que vende o que não lhe pertence e nem ao menos

cuida; um acendedor de lampião que trabalha no automático e que não tem tempo nem para si mesmo; um homem vaidoso que necessita de elogios mesmo que esteja sozinho no seu planeta, e um menino inocente que anda pelos planetas e se depara com adultos de comportamentos incoerentes. São muitos exemplos que são retirados do comportamento humano, sempre muito ocupado, trabalhando, mandando nos outros, querendo elogios... resumidamente, esse livro tem seus motivos de estar na estante de quase todas as pessoas e bibliotecas espalhadas pelo mundo.

Ela transmitiu, transmite e transmitirá às gerações futuras, um sentimento de paz e desconforto ao mesmo tempo. Paz por saber que somos pessoas rodeadas de mais pessoas que devem ser cultivadas e que também nos cultivam, e desconforto pois nos mostra que muitas vezes as pessoas podem ser egoístas ou supérfluas. O fato de este livro ser trabalhado no programa Círculos de Leitura e chegar a mais de 19000 alunos, com mais de 19000 realidades diferentes, é muito incrível, pois alcançou milhares de pessoas que talvez nunca buscariam conhecer um livro na vida. Entre tantos outros livros que li no Círculos de Leitura, *O Pequeno Príncipe* foi o que mais me ensinou a refletir e viver. Ler nos Círculos de Leitura me fez conhecer mais livros, conhecer a mim mesma e aos outros. Que esse projeto continue espalhando essa diversidade de universos que são os livros.

6. Patrício da Costa Fonseca

EEEP José Maria Falcão

Todo ser humano tem alguma experiência na vida na qual nunca irá esquecer. Alguns, nunca esqueceram o primeiro beijo, outros nunca esqueceram o primeiro amor. Faço parte daqueles que, também, nunca esquecerá o poder transformador que um livro pode causar na vida das pessoas. O Programa Círculos de Leitura proporcionou momentos tão genuínos na minha vida e possibilitou o grande prazer pela leitura que descobri no ensino médio com o programa, até então, nunca tinha lido sequer um livro.

Fernão entrou na minha vida em um momento em que eu não acreditava no meu potencial, era sempre mediano, não me dedicava como deveria. Entretanto, tudo mudou quando li a obra. A determinação, a persistência que ele demonstrava a cada dificuldade, a coragem, e principalmente, a vontade em dar o melhor de si, fez com que eu parasse e refletisse o que eu estava fazendo com a minha vida, e esse sentimento será impossível de reproduzir neste texto.

Na obra *Caminho de Homero*, um grande impacto que jamais esquecerei, a empatia que Homero tratou a mãe de Alan. Nunca consegui me imaginar dando uma notícia tão triste para uma mãe e, ele apenas com seus 14 anos conseguiu. Essa parte da obra me dói tanto! É cada vez mais difícil encontrar pessoas que sentem empatia pela dor do outro, que mostrem de verdade que estão ali para te apoiar, te escutar. Às vezes, o ser humano somente precisa de uma palavra amiga, nada mais. Infelizmente, as pessoas julgam muito as outras, e acabam perdendo encontros genuínos na vida. A empatia de Homero fez com que eu alterasse a forma de escutar o próximo,

fez com que me colocasse realmente no lugar do outro, e não ser egoísta, afinal, qual a vantagem que esse sentimento agregaria à minha vida? NENHUM! Homero, apesar da pouca idade, mostrou um sentimento puro, verdadeiro, e, principalmente, sincero. Em suma, uma reflexão espetacular para a vida.

O Pequeno Príncipe foi o primeiro livro que me fez chorar, nunca pensei que seria possível tal feito pela leitura. Durante toda a obra geram-se reflexões que fazem com que reflitamos sobre a nossa vida. Uma delas é: “É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas”. Essa citação reflete a situação de muitos indivíduos, aquelas pessoas que esquecem que para conseguir o seu objetivo, passarão por várias dificuldades, existirão vários obstáculos para desistir e abandonar seu sonho, porém, se não desistirmos conseguiremos alcançar as nossas metas. Nada na nossa vida é fácil, a única coisa que não podemos permitir é a auto-sabotagem que nos faz desistir de um sonho.

Todas essas experiências, competências e aprendizados, fazem com que eu sempre me lembre com muito carinho, felicidade e saudade do Programa. Afinal de contas, o Círculos de Leitura proporcionou-me momentos genuínos e únicos, e assim, faz com que sempre me lembre que, “Quando a vida lhe proporciona algo que vai muito além de todas as suas expectativas, é irracional se lamentar quando isso chegar ao fim”. (Stephenie Meyer.)

7. Cauê Bull Gonçalves de Sousa
EE Professora Irene Branco da Silva

A poesia de Oz

Às vezes, tenho vontade de ter um coração
para poder sentir um amor maior
pelas coisas que eu faço...

Então, eu tento lutar para achar o meu Mágico de Oz,
para que ele me faça perceber que o meu coração existe,
só preciso senti-lo.

Tenho vontade também de ter um cérebro,
para eu poder pensar; pensar como eu posso ser forte
para aguentar todo o peso das consequências...

Mas eu tenho de lutar para achar o Mágico De Oz,
a fim de que ele me faça
sentir o meu cérebro!

Depois de eu ter sentido meu cérebro,
percebo que sou igual a Dorothy, pois
as coisas que me fazem bem vão acabar se destruindo...

Eu, às vezes, me sinto um covarde, mas como eu já disse,
preciso encontrar o meu Mágico de Oz para que ele me faça
perceber
que eu posso achar minha coragem no meu interior!!

E no final, eu percebo
que tudo o que eu queria, eu já tinha!
Eu só precisava olhar para dentro, nas profundezas do meu ser...

Mas... Pois é, sempre tem um “mas” ...
As pessoas que fizeram você perceber os seus detalhes
sempre irão sumir, como o Mágico!

Então, dê valor para as pessoas, que,
por acaso, em algum momento, se tornaram o seu Mágico de
Oz,
mesmo que um dia elas desapareçam....

8. André de Carvalho Costa Silva

Etec Irmã Agostina

Uma das leituras que mais me marcaram nos Círculos de Leitura foi coincidentemente de um dos autores que eu mais tenho apreço e vontade de ler, Dostoiévski.

Carrego comigo a certeza de que se eu me aventurasse em *Os Irmãos Karamazov* sozinho, como já me aventurei em outros escritos do autor, não entenderia um terço comparado à experiência que tivemos ao ler em grupo.

E não digo isso insinuando que o livro seja de difícil compreensão ou coisa do tipo, na verdade, reafirmo uma problemática minha: a dificuldade de me aprofundar no texto.

Começo relatando isso pois penso que graças ao grupo, esse espírito de coletividade onde todos leem e buscam aprender juntos, é que consegui entender o amor ativo presente como uma das mais bonitas mensagens do texto. Há de se destacar, porém, a profundidade do livro, sendo o amor ativo a “ponta do iceberg”.

Os escritos de Alexei sobre a história de seu mestre, Zózimo, nos contam como Markel, o falecido irmão de Zózimo, reagiu aos seus últimos dias de vida. Ele dizia que “a vida é o paraíso, e nós todos estamos no paraíso, mas não conseguimos reconhecer isso; todavia, se nós pudéssemos compreender isso, amanhã mesmo a terra seria o paraíso”.

Penso que a opinião de Markel gere certos questionamentos, ele estava à beira da morte, doente, de súbito mudando toda sua filosofia de vida e costumes e agora até mesmo adotando práticas religiosas “para agradar sua mãe”, como ele dizia. Porém, acredito que

a profundidade dessa fala acaba respondendo a qualquer pergunta que surja contra Markel.

Pouco depois ele pergunta se é digno de ser servido pelos empregados e afirma que “cada um de nós é culpado de tudo em relação a todos”, reforçando a ideia da “coletividade” necessária para que a terra se torne o paraíso que tem capacidade de se tornar caso nós compreendêssemos isso.

Escolho essa passagem, por ser uma das minhas favoritas do livro, acredito que ela reforce ainda mais a experiência que passei no Círculos onde nós mergulhamos na leitura. Parafraçando Gandhi, quem não vive para servir não serve para viver, e foi graças aos momentos de leitura onde recebi a ajuda de muitos que pude ver o tal paraíso ao qual Markel se referia.

ESCOLAS PARTICIPANTES

São Paulo

EE Maria Aparecida de Castro Masiero

EE Deputado Manoel de Nóbrega

EE Reverendo Tércio Moraes Pereira

EE Alexandre Von Humboldt

Etec Tiquatira

Etec Juscelino Kubitschek de Oliveira

EE Prof Irene Branco

Etec de Carapicuíba

Etec Maria Augusta Saraiva

Etec Irmã Agostina

Etec Ferraz de Vasconcelos

Joaquim Adolfo de Araujo

EE Padre Romeo Mecca

EE Major Arcy

EE Mário Kozel Filho

Ceará

EEEP Maria Cavalcante Costa - Quixadá, 87.728 habitantes

EEEP Balbina Viana Arrais - Brejo Santo, 49.109 habitantes

EEMTI Tabelaio José Pinto Quezedo - Aurora 24.654 habitantes

Escola Jaime Laurindo - Barroquinha, 14.475 habitantes

EEEP Irmã Ana Zélia da Fonseca - Milagres,, 28.316 habitantes

EEEP Monsenhor Odorico - Tauá, 58.119 habitantes

EEM Professora Luiza Távora - Cariús, 18.567 habitantes

EM Flávio Rodrigues - Croatá, 17.802 habitantes
EEEP Dom Walfrido - Sobral,, 210.711 habitantes
EEEP Dr. José Iran Costa - Várzea Alegre, 40.903 habitantes
EEEP José Maria Falcão - Pacajus, 70.911 habitantes
EEEP Professora Lysia Pimentel - Sobral, 210.711 habitantes
EEM José Ferreira Barbosa - Aiuaba, 17.399 habitantes
EEMTI Lions Club - Crateús, 75.074 habitantes
EEEP Professor Antônio Valmir - Caucaia, 361.400 habitantes
EEEP Doutor Napoleão Neves da Luz - Jardim, 26.697 habitantes
EEEP Rita Matos Luna - Jucás, 23.809 habitantes
Liceu Marcionílio Gomes de Freitas -
Senador Pompeu, 26.494 habitantes
EEM José Ferreira Barbosa - Aiuaba, 17.399 habitantes
EE Maria Daurea Lopes - Iguatu, 102.013 habitantes
EEEP Doutor José Alves da Silveira -
Quixeramobim, 85.565 habitantes
EEEP Manoel Mano - Crateús, 75.074 habitantes
EEEP Monsenhor Expedito da Silveira de Sousa -
Camocim, 63.661 habitantes
EEM Maria José Coutinho - Quiterianópolis, 19.918 habitantes
EE Monsenhor José Augusto - Camocim, 63.661 habitantes
EEEP Francisco das Chagas Vasconcelos -
Santana do Acaraú, 29.977 habitantes
EEMTI Belarmino Lins de Medeiros - Abaiara, 11.663 habitantes
EEM Gov. Cesar Cals de Oliveira Filho -
Quixadá, 87.728 habitantes
EEM Mons Horácio Teixeira - Baixio, 6.196 habitantes
EEM Monsenhor José Carneiro da Cunha -
Chaval, 12.617 habitantes

EEEE Aderson Borges de Carvalho - Juazeiro do Norte, 276.264
EEEE Deputado José Walfrido Monteiro - Icó, 67.456 habitantes
EEEE Valter Nunes de Alencar - Araripe, 20.689 habitantes
EEEE Francisca Castro de Mesquita - Reriutaba, 18.491 habitantes
EEEE Governador Virgílio Távora - Crato, 133.031 habitantes
EEEE Joaquim Filomeno Noronha - Parambu, 31.213 habitantes
EEEE José Augusto Torres - Senador Pompeu, 26.494 habitantes
EEEE Professora Rosângela Albuquerque de Couto -
Itarema, 41.445 habitantes
EEM Aristarco Cardoso - Porteiras, 14.996 habitantes
EEM Coelho Mascarenhas - Novo oriente, 27.453 habitantes
EEM Dona Antônia Lindalva de Morais -
Milagres, 28.316 habitantes
EEM Filgueiras Lima - Lavras da Mangabeira, 31.508 habitantes
EEM Mauro Sampaio - Barro, 21.556 habitantes
EEMTI Alda Férrer Augusto Dutra -
Lavras da Mangabeira, 31.508 habitantes
EEMTI Padre José Alves de Macedo - Icó, 67.456 habitantes
EEMTI Deputado Murilo Aguiar - Camocim, 63.661 habitantes
EEM Antônio Reginaldo Magalhães de Almeida -
Potiretama, 6.129 habitantes
EEMTI Valdo de Vasconcelos Rios - Itarema, 41.445 habitantes
EEEE Prof. Francisca Moreira de Sousa -
Beberibe, 49.334 habitantes
EEEE Alfredo Nunes de Melo - Acopiara, 53.931 habitantes
EEEE Antonio Mota Filho - Tamboril, 26.225 habitantes
EEEE Deputado José Maria Melo -
Guaraciaba do Norte, 40.784 habitantes

EEEP Gonzaga Mota - Maracanaú, 229.458 habitantes
EEEP Guilherme Teles Gouveia - Granja, 52.670 habitantes
EEEP Guiomar Belchior Aguiar - Cariré, 18.802 habitantes
EEEP Júlio França - Bela Cruz, 30.873 habitantes
EEEP Pedro de Queiroz - Beberibe, 49.334 habitantes
EEMTI de Irauçuba - Irauçuba, 24.156 habitantes
EEM Epitácio Pessoa - Orós, 21.392 habitantes
EEM José Correia Lima - Várzea Alegre, 40.903 habitantes
EEM Luzia Araújo Barros - Itarema, 41.445 habitantes
EEM Maria Stela Rocha Aguiar - Camocim, 63.661 habitantes
EEM Nazaré Severiano - Santana do Acaraú, 29.977 habitantes
EEM Olímpio Sampaio da Silva - Uruoca, 12.894 habitantes
EEM Prefeito Dario Campos Feijó -
Martinópole,, 10.220 habitantes
EEM Ricardo De Sousa Neves - Marco, 24.703 habitantes
EEMTI Simão Ângelo - Penaforte, 9.010 habitantes
EEM Vicente de Paulo - Acaraú, 62.557 habitantes
EEMTI Anchieta - Maranguape, 126.486 habitantes
EEM Vivina Monteiro - Icó, 67.456 habitantes

LISTA DE OBRAS QUE INSPIRARAM OS TEXTOS DOS JOVENS

- Fernão Capelo Gaivota* - Richard Bach
O Pequeno Príncipe - Antoine de Saint Exupéry
A Comédia Humana - William Saroyan
O Chão Adormecido no Baú dos Sonhos - Eliane Fonseca
O Mágico de Oz - Frank Baum
Kouros - Nikos Kazantzakis
Noites Brancas - Fiódor Dostoiévski
Os Irmãos Karamazov - Fiódor Dostoiévski
Kafka e A Boneca Viajante - Jordi Sierra i Fabra
Alma Despejada - Andrea Bassit
O Conto da Ilha Desconhecida - José Saramago
O Pintor, A Cidade e O Mar - Monika Feth
Pirlimpisquice - Guimarães Rosa
Sequência - Guimarães Rosa
O Espelho - Machado de Assis
O Beijo - Anton Tchekov
A Menina e O Pássaro Encantado - Rubem Alves
De Muito Procurar - Marina Colassanti
As tragédias de Shakespeare: *Rei Lear, Hamlet e Macbeth*.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os alunos, ex-alunos, professores, parceiros e amigos dos Círculos de Leitura que contribuíram para a realização deste concurso.

Nosso agradecimento especial à nossa banca avaliadora composta de professores e voluntários do Programa Círculos de Leitura!

Este livro é resultado de um maravilhoso trabalho em conjunto.

Nossos corretores:

Rita Depieri

Nícia Lira

Adriana Coppi

Arara Xestal

Camila Barbosa de Oliveira

Crélis da Silva Machado

Danilo Gonçalves

Denise Guaranha

Denise Santos

Deulza Ratti

Fernando Rangel

Luana Maria Ferreira

Mirna Colazingari

Myriam Bulhões

Fátima Simone Pereira

Valstilde Ferreira Lima

Vanessa Oliveira

AGRADECIMENTO

Agradecemos imensamente o apoio recebido pelas pessoas físicas listadas abaixo, que acreditam e contribuem com nosso trabalho:

Armínio Fraga
Carlos Eduardo e Rita Depieri
Jayme Garfinkel
Sandrine Ferdane
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Eduardo José Bernini
Idel e Anita Metzger

Projeto gráfico: Gabriela F. Fernandes

Capa: Papoulas, de Kitagawa Sōsetsu - pintura - séc.: 18 - Japão
The Metropolitan Museum of Art

Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial
Rua Ceará 2, São Paulo - SP CEP 01243-010
Tel.: 11 3824-9633 E-mail: ifbe@braudel.org.br
Instagram: @circulosdeleituraoficial
<https://www.site.braudel.org.br/>



A think tank, and a do tank

Parceiros



Apoio Institucional



Instituto Vicky e Joseph Safra



Patrocínios



VOTORANTIM



StoneX™



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO

